

I A R A S

I A R A S

Viva suas histórias, por Marcio Kogan.

Projeto:
MARCIO KOGAN

Equipe:
MARCIO KOGAN
RENATA FURLANETTO
CAROLINA GONÇALVES
FERNANDA MOURA

Interiores:
DIANA RADOMYSLER
PEDRO RIBEIRO
LUIZA VICENTINI

Paisagismo:
SUSANA NEDEL

Comunicação:
MARIANA SIMAS
CARLOS COSTA
NATHALIA LIMA

Imagens:
BLACKHAUS

Branding:
NIRIN

Construção e Incorporação:
KOPSTEIN

ATO I O KOGAN

Marcio Kogan

Studio MK27

Portfólio

10

11

45

71

ATO II O EDIFÍCIO

Inspiração

O Edifício

Apartamentos

Implantação e plantas

Localização

Diferenciais

Paisagismo

86

87

97

125

173

191

195

201

ATO III A KOPSTEIN

Pedro Kopstein

Kopstein

Portfólio

210

211

229

233

ATO I
O KOGAN

M A R C I O K O G A N

Fundador e mentor do Studio MK27, Marcio Kogan tem décadas de experiência e reconhecimento internacional como um dos maiores arquitetos da atualidade. Nascido na cidade de São Paulo, dividiu o começo da carreira entre a arquitetura e a sua paixão pelo cinema, o que o levou a dirigir diversos filmes na década de 1980. Paixão essa que deu origem ao seu estilo único: um flerte entre o modernismo brasileiro e o olhar cinematográfico de um diretor. O resultado está estampado nas obras que Kogan e o Studio MK27 assinam pelo mundo, valorizando a simplicidade formal e elaborando projetos com extremo cuidado e atenção aos detalhes e aos acabamentos.

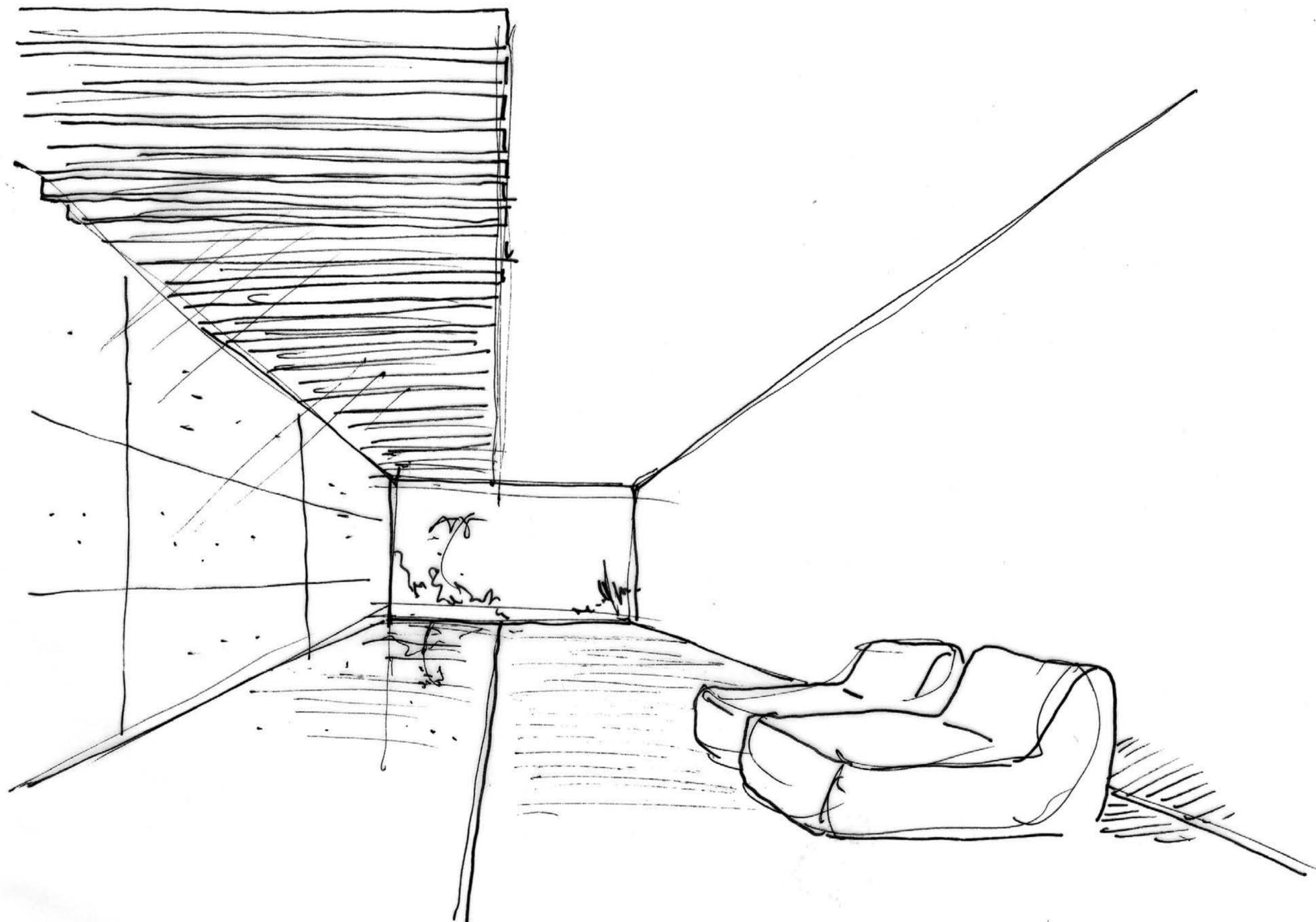
Marcio Kogan recebeu Lucas Rachewsky no Studio MK27, no Jardim Paulista, em São Paulo.

Lucas Rachewsky: Sendo de uma família de origem judaica não religiosa, mas que me transmitiu um pouco da cultura e da tradição, eu fui exposto muito cedo ao filme "Um Violinista no Telhado" (1971), de Norman Jewison.

Talvez essa seja a minha lembrança mais remota de cinema. Esse filme resume bem a história, até onde eu sei, do êxodo europeu da minha família. Eles vieram da Moldávia, da Romênia, da região da Transilvânia, um desses territórios dominados pelos russos. Qual a história dos Kogan?

Marcio Kogan: Na realidade eu acho que perdi a oportunidade de saber mais com os meus avós. Talvez por ser mais moleque, não dava tanto valor pra isso, hoje eu dou. Lembro que um dia perguntei pra minha avó, quando ela já estava com quase 100 anos. Eu sabia que ela vinha da região de Kiev, mas perguntei de onde exatamente, perto de qual cidade, e ela falou que eram "dois dias de carroça". Meus avós paternos vieram depois da Revolução Russa, eles chegaram cedo ao Brasil. Os maternos são fugitivos da Segunda Guerra e vieram da Polônia. Descobri isso recentemente, achava que todos eram fugitivos de guerra, mas meus avós paternos vieram nos anos 20, fugindo do antissemitismo da Revolução Russa.





LR: O teu pai, Aron, foi um importante engenheiro na década de 1950. Junto ao Waldomiro Zarzur, ele projetou o Mirante do Vale, que foi o prédio mais alto da América Latina, e também o Edifício Racy.

MK: Ele era formado engenheiro, mas desenhava todos os projetos com a ajuda de uma pessoa. Fez obras bem interessantes aqui em São Paulo, como o Edifício Mirante do Vale, acho que até hoje é o edifício mais alto da cidade e talvez uma das primeiras grandes estruturas de concreto armado do mundo. Fez o Edifício Racy, ao lado do Minhocão, que é superbonito. Ele também construiu a praça com a estátua do Duque de Caxias no centro. Fez bastante coisa.

LR: Já te vi comentar que o Jacques Tati “copiou” a casa em que tu morava, projetada pelo teu pai. É curioso pensar em duas visões sobre uma mesma casa, em um mesmo período, em lugares tão diferentes.

MK: Eu morei numa casa que era, pra quem conhece, exatamente a Villa Arpel do filme “Meu Tio” (1958). Eu acho que o Jacques Tati copiou a casa em que eu morava (risos), uma casa incrível aqui em São Paulo. Era o final dos anos 50, a febre tecnológica, as primeiras viagens espaciais acontecendo naquele momento. Meu pai tentou fazer uma casa toda tecnológica, como é a casa do filme do Tati. Ela tinha milhões de gadgets e nada funcionava. No carro tinha um transmissor à válvula que ficava no porta-malas. Tinha que ligar um botão no painel para esquentar as válvulas e, quando você tava chegando na casa, já apertava o botão para abrir a porta da garagem e também acender as luzes da casa. Aconteciam várias coisas, iluminava todo o seu caminho até o quarto. Tinha uma época em que passava o ônibus 51, isso era na avenida Europa, um ônibus elétrico que tinha um ponto exatamente em frente à casa. Quando ele brecava, emitia uma frequência que ligava a casa inteira às 3h da manhã. Então tudo começava a funcionar (risos). Mas a casa era genial. Até olhando algumas fotos, era incrível a sofisticação dos interiores. Era uma casa modernista radical.

LR: O Tati com as suas ressalvas e o teu pai abraçando a modernidade. Dizem que o Tati entendia muito bem como as construções podem afetar as pessoas que nelas habitam. Tendo morado numa Villa Arpel da vida real, o que tu diria ao Tati?

MK: Essa pergunta é boa. Eu vivi nisso, e segui isso, não é?

“Talvez o Tati continuaria naquele apartamentinho dele, no subúrbio de Paris, e estaria feliz nesse lugar. E eu feliz agora no mundo modernista.”

MK: Você sabe que tem um livro recente do Jean-Claude Carrière, o super-roteirista que fez esse filme com o Tati. Carrière fez esse livro pensando nele como o Gerard que tinha crescido, fazendo uma análise da vida dele e da casa.

LR: Tu gosta dessa modernidade só na arquitetura ou na vida também?

MK: Eu era da família Arpel, não sei como era o sobrenome deles (risos). E tinha isso na minha casa. Chegava aquele Chevrolet, final dos anos 50, era um acontecimento, aquele carro impecável verde-amarelo. Tinha essa febre da indústria automobilística, esse prazer que se perdeu um pouco com o tempo. Tem até uma cena do filme em que eles resolvem instalar uma célula fotoelétrica e passa o cachorro com o rabinho pra cima, ele corta a célula e eles ficam trancados dentro da garagem. Tudo isso acontecia na minha casa. Tudo era assim. Você queria abrir a cortina, era elétrico. Hoje em dia é ridículo isso, mas na época era tecnologia de ponta. Você abrir uma garagem com controle remoto? Tem que ver o que era.

LR: O meu pai me contou uma história de quando ele foi ao Japão em agosto de 1985. Lá apresentaram pra ele o fax e aquilo foi um choque.

MK: Quando eu tinha uns 16 anos, eu fui viajar com um monte de primos e suas namoradas pros Estados Unidos. A gente comprou um carro e fez a volta pelo país inteiro. Eu e um outro primo éramos os caçulas do grupo. Logo no começo da viagem, de madrugada, paramos num desses pianos-bares de estrada pra comprar água e me pediram pra descer, eu era o único acordado no carro, além do motorista. Eu entro no piano-bar e vejo uma televisão em cores. Fico parado como se tivesse vendo uma assombração, 5 minutos sem me mexer (risos).

LR: Hoje em dia estamos tão acostumados com a evolução tecnológica que parece que nada mais nos choca.

MK: Quando eu vi pela primeira vez uma transmissão de um arquivo por e-mail, fiquei chocado com aquilo. Como é que você envia um arquivo em que você está trabalhando aqui no escritório para um outro escritório em Tóquio e o cara abre no mesmo minuto. Isso era muito mágico. Quer dizer, a gente já não se assusta muito, mas é bem incrível.

LR: O que te surpreende hoje? Essa mesma surpresa que tu teve quando viu pela primeira vez a TV em cores?

MK: Talvez nada mais me surpreenda, eu acho. Parece que tudo já tá feito.

LR: Tu nasceu em 1952 e eu fico imaginando quão presente era a profissão do teu pai na tua infância. Quais as tuas primeiras memórias em relação à arquitetura?

“Agora você vê o que é a genética. Eu vivi com ele até os 8 anos de idade. Eu acho que sou igual a ele. Ele gostava de cinema, tinha uma paixão pela arquitetura. Era realmente um engenheiro apaixonado pela arquitetura.”

MK: Tinha uma construtora, assim como o Pedro, e era apaixonado por isso. Também era a época em que surgia Brasília. Não só a força da tecnologia, mas também da arquitetura surgindo naquele momento. Foi um período de revolução na arquitetura, principalmente no Brasil. Podemos ver hoje em dia a herança disso, talvez o melhor momento da arquitetura, pelo menos em São Paulo e no Rio de Janeiro, claramente. Foi nessa época que fizeram as grandes obras. Grandes no sentido de boas obras, da boa arquitetura.

LR: E tu ali criança nesse universo.

MK: Exatamente.

LR: Tu frequentava as obras com teu pai?

MK: Uma das minhas memórias mais antigas sou eu segurando a mão dele na laje de um prédio que não sei qual era, olhando a vista, meio com medo, porque não era um lugar pra uma criança estar. Essa é uma das lembranças que eu tenho. Tem outra história que contei esses dias numa live com os presidentes do hospital Albert Einstein que deixou todos emocionados. O meu pai construiu, ou começou a construir, o hospital Albert Einstein aqui em São Paulo. Me lembro de ir com ele ver o terreno do hospital. Lembro bem disso porque olhei pra baixo e vi o campo do São Paulo. Eu era são-paulino, acho que agora não sou mais (risos). Fiquei pensando: já que vou fazer essa live, será que essa história é verdadeira? Fui procurar alguma imagem do estádio começando a ser construído e achei no site do São Paulo exatamente a minha visão. Inclusive tinha uma criança na imagem olhando o estádio lá do morro, onde seria o hospital. Eu lembro que o campo estava marcado, mas não tinha nada construído em volta. E você vê: mesmo que por pouco tempo isso entrou na minha alma.

LR: Eu me lembro de escutar a voz da Jeanette cantando “Me Olvidaras” várias vezes. “Cria Cuervos” (1976), do Carlos Saura, é o filme favorito da minha mãe. As cenas iniciais de “Gritos e Sussurros” (1972), do Bergman, ainda me assombram. “2001: Uma Odisséia no Espaço” (1978), “O Iluminado” (1980), “Blade Runner” (1982), entre tantos outros. O cinema sempre foi muito presente na minha casa. Acho que minha mãe pendia mais pros europeus, e meu pai, pros clássicos americanos, mas ele também adora Fellini. Como o cinema entrou na tua vida e o que ele mudou em ti?

MK: Bom, aí eu acho que o meu pai teve uma influência indireta.

“Depois da morte dele, eu tinha 8 anos, entrei em uma vida em branco e preto. E por aí foi a minha adolescência, uma adolescência bergmaniana.”

MK: Eu acho que virei o pior aluno de uma escola pública de São Paulo, o pior aluno que já passou naquela escola. Um dia, eu devia ter 15 ou 16 anos, estava matando aula, eu fazia isso seguidamente pra andar pela cidade.

“Passando na frente de um lugar chamado Cine Bijou, que todo mundo da minha época deve conhecer bem, onde exibiam filmes de arte, começou a chover e eu entrei no cinema pra me proteger. Eu não sabia quem era Bergman, eu não sabia nada. O filme era até proibido pra menores de 18 anos, tinha cenas bem fortes de sexo, acho que queriam só vender mais um bilhete e me deixaram entrar. O filme me atingiu absurdamente.”

“Eu acho que entendi o significado, a importância da palavra ‘arte’. O que é arte, como isso pode influenciar na sua vida. Eu era o menino que tava na tela com roupa de cowboy e uma arma, era eu pequeno, o menino Johan. Me deu um clique que mudou a minha vida. Eu saí do cinema vendo a vida em cores e isso mexeu com tudo o que aconteceu comigo.”

MK: Depois, na época do cursinho, eu conheci o Isay (Weinfeld). A gente tinha uma grande empatia intelectual, totalmente centralizada em Bergman, duas crianças que adoravam Bergman lá com 17 anos, quase crianças. Aí surgiu o cinema de um jeito mais profissional. Nós começamos a fazer Super 8, tivemos bastante sucesso. Depois fizemos um curta em 35 milímetros chamado “Idos Com o Vento” (1983). O filme era baseado na orelha do livro “E o Vento Levou”. O primeiro filme da história baseado numa orelha. Como não tínhamos dinheiro pra fazer o filme baseado no livro inteiro, foi só a orelha (risos). Depois, em 1988, fizemos um longa-metragem que pra mim foi um desastre. O Isay não gosta que eu fale isso, mas foi essa a minha sensação. Vínhamos de uma carreira vencedora de curta, mas fazer um longa é muito diferente. Eu estava nos primeiros anos de arquitetura e quebrei. Gastei dinheiro no filme e fiquei 6 meses sem vir ao meu escritório. Hoje em dia o escritório é muito bem estruturado, mas na época não era. Perdi os poucos clientes de um começo de carreira. Eu não sabia se voltaria pro cinema ou pra arquitetura. Queria decidir entre os dois e pensei: agora vou ser arquiteto 24 horas. Traumatizado, volto pro escritório, e a vida meio que começa do zero. Fiquei de mal com o cinema, não queria mais nada, saí machucado da experiência. Recentemente, já pelo Studio, começamos a fazer alguns curtas que têm bastante relação com a nossa arquitetura. Isso começou em 2012, decidi voltar a fazer um filme quando fomos convidados pra representar o Brasil na Bienal de Veneza. Fizemos uma videoinstalação, era uma grande parede preta cheia de visores e você enxergava o que acontecia dentro de uma casa. De um lado era a parte social da casa e do outro a parte de serviço. Isso tinha um pouco a ver com o tema da Bienal. Às vezes eu dirijo, às vezes dirijo com alguém, o Gabriel (Kogan) também já dirigiu. Todo mundo dirige e já fizemos uns 8 ou 10 filmes, mais ou menos. Todos estão no nosso Vimeo.



LR: Se não me engano, tem uma frase do Niemeyer que diz: “A arquitetura não importa, o que importa é a vida”. A instalação “Peep” foi inspirada nela?

MK: Minha frase predileta dele. Eu não acho que tenha sido. Talvez tenha uma relação, quer dizer, eu nunca pensei em conectar as duas coisas, mas de fato essa relação existe. Seria uma paixão voyeurística de mostrar a vida dentro de uma casa, sem se preocupar com a arquitetura. Raramente você vê qual é a arquitetura da casa. Talvez tivesse uma câmera que desse pra ver um pouco da casa lá do jardim, o resto eram planos fechados e que iam mostrando um pouco, de uma forma voyeurística que eu gosto, o que é uma casa. Eu acho que era bem explícito, não quero mostrar a arquitetura, quero mostrar a vida. Talvez aí seja a hora em que entra o Niemeyer, que a arquitetura não tem importância. O que importa são os amigos, a vida, a família, o que tem em volta.

“Não quero mostrar a arquitetura, quero mostrar a vida.”

LR: Pensando em modernismo, que preza pela pureza das linhas e pelo essencial, a ornamentação é a vida que acontece dentro da arquitetura.

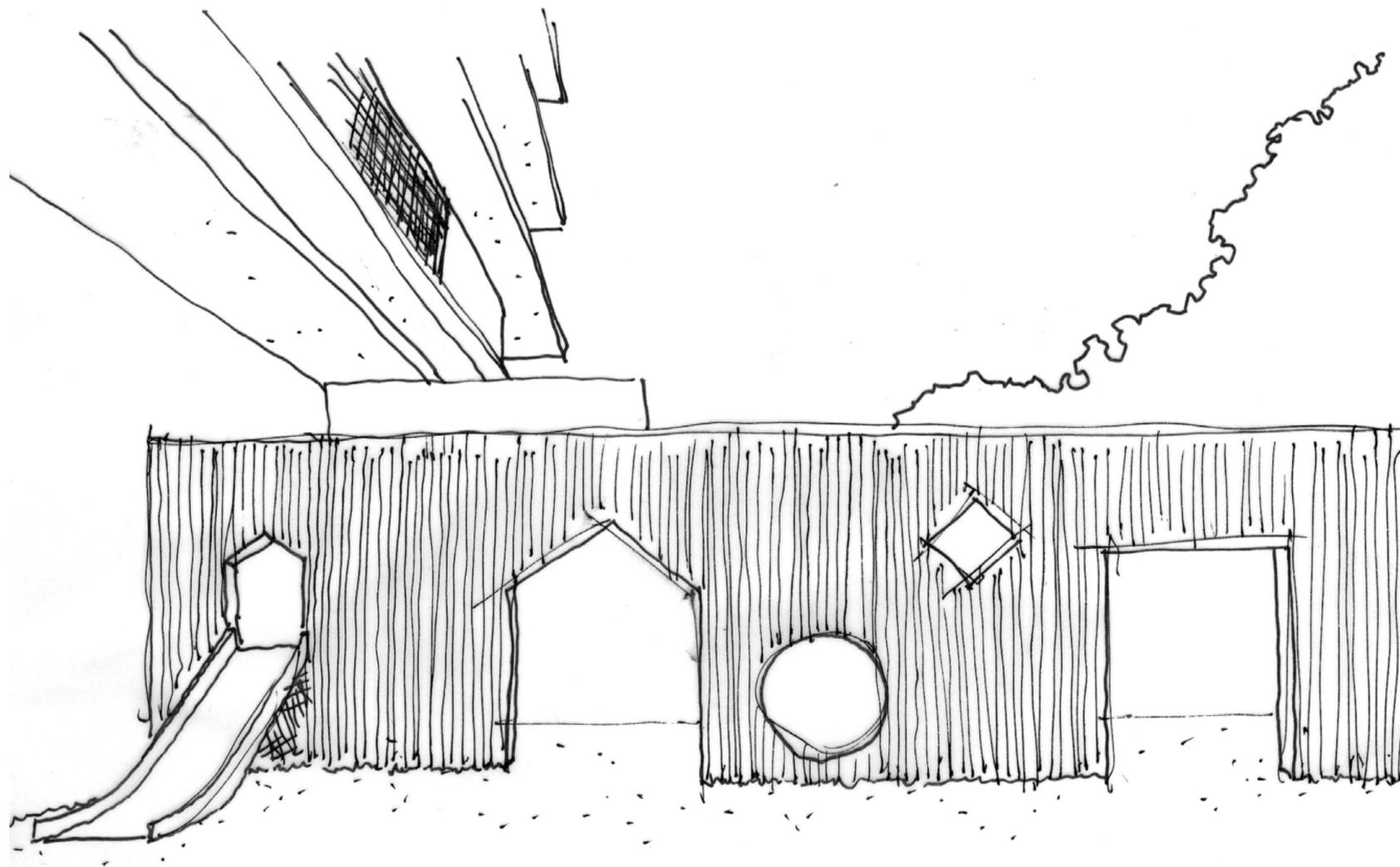
MK: Eu acho que sim. Quer dizer, a gente pensa muito na arquitetura dessa forma. Eu penso.

“Às vezes você entrega um lugar pra pessoa botar a vida dela em cima, então ela é minimalista no primeiro dia, e um dia não vai ser mais. Eu até sou contra ter esse minimalismo pra sempre. Você viu o escritório como é, a sua vida encaixada em todos os cantinhos. Você pode olhar aqui e ali, a experiência de vida, cada coisinha, atrás da minha mesa, cada coisa tem uma historinha, você pode escolher qualquer objeto e eu vou contar uma história sobre ele.”

LR: Esse colecionismo surgiu quando na tua vida? Tem algum objeto da tua coleção que seja especialmente marcante?

MK: Eu acho que já nasci com ele (risos). Lá em cima tem vários. Tem um Minion com uma história engraçada. Eu estava com a Mariana Simas (diretora no Studio MK27), nós fomos dar aula numa escola em Los Angeles, ficamos lá uns dez dias. Um dia eu não aguentei mais ficar dentro da escola e disse pra darmos uma volta — lá não tem muito isso de dar uma volta no quarteirão — e descobrimos um boliche dos anos 50. Entramos pra dar uma olhada, era bem bonito, tinha uma máquina dessas que pegam bichinhos, essas garras. Eu só tinha uma moeda no bolso e peguei aquele Minion. Imagino que nunca na história alguém com uma única moeda tenha conseguido pegar um bicho desses (risos). Já botei numa caixinha de acrílico, ele tem uma história. Tem essa coleção de desenhos que eu faço com o Gabriel, quer dizer, aqui (na sala de reunião do Studio) é só de arquitetura e design. Sempre tem o trabalho de alguém que a gente gosta. Esse quadro de um circo é da Lina Bo Bardi (aponta pro quadro na parede). Croquis que nós fomos colecionando pela vida.

MK: Em um certo momento, eu comecei a fazer isso com o Fellini. Depois de Bergman, e talvez antes de Tati, virou uma paixão. Eu estava na feira de Milão em um evento que fizeram pro escritório, e não sei se foi pra uma televisão ou jornal italiano que comentei da minha paixão pela Itália, por Fellini e por muitas coisas de lá. No dia seguinte, eu tô lá no Salão do Móvel indo almoçar, na fila do buffet, e recebo uma mensagem da sobrinha do Fellini, que por vários anos foi assistente de direção do tio. Ela falou: “Vi sua entrevista, eu quero que você venha conhecer a minha família”. Aí eu fui pra Roma. Fui dar aula, tava com o Gabriel, e fomos conhecer a família do Fellini (risos). Você vê: então é uma coisa que leva a outra e, de repente, eu tô dentro de um filme do Fellini. Chego lá em Roma, não é uma cidade que eu conheço bem, eles me convidam pra ir tomar alguma coisa em um pátio maravilhoso de um desses hotéis de luxo, tava toda aquela alta sociedade decadente romana, e eu lá dentro do “La Dolce Vita”, de repente. Acabei fazendo amizade com a família, foram supercarinhosos. Me levaram pra ver onde o Fellini comia, onde ele gostava de ir, o apartamento dele. Eu conheço todas as fofocas, brigas de família, brigas com prostitutas (risos). Foi muito legal isso, muito legal. Até tem uma história muito engraçada, eles falaram: “Façam uma reserva à noite nesse lugar que o Fellini adorava ir e que tem o melhor mil-folhas do mundo. Comam macarrão à carbonara, coisas típicas romanas, mas não deixem de pedir o mil-folhas”. Eles foram embora, e nós fomos pro restaurante. Chegando lá, tá o papa da Igreja Ortodoxa com uma comitiva enorme em volta dele. Milhões de limousines Mercedes na porta, todo o alto escalão da Igreja Ortodoxa. Na hora de pedir a sobremesa, pedimos o mil-folhas e o garçom: “Vocês vão me desculpar, mas o papa comeu o último” (risos). Incrível, é verdade essa história.



LR: E aí tu pecou (risos).

MK: (gargalhada) Eu falei: Não acredito. Isso é Fellini. E era uma cena, eu entrei em um filme do Fellini. As pessoas com aquelas roupas. Fellini puro.

LR: Ontem passamos horas aqui no teu escritório com o Carlinhos (Carlos Costa, diretor de arte do Studio MK27). Ele nos mostrou cada detalhe, foi uma surpresa em cada canto.

MK: Lá em cima tem dois desenhos do Fellini, na verdade três, um é frente e verso. Você conhece esse livro (aponta pro livro)? “O Livro dos Sonhos”, do Fellini. Ele desenhava seus sonhos e só tem quatro desenhos que não estão neste livro, e a gente tem dois.

LR: A arquitetura é um ofício muito sério. Nós estávamos falando antes sobre as ferramentas, os softwares, as camadas técnicas, os orçamentos, e que nem sempre é fácil colocar humor em coisas que exigem muita responsabilidade, mas eu acho que vocês fazem isso muito bem nas apresentações do escritório.

MK: Sabe que eu fui dar uma aula inaugural lá no auditório do Mackenzie, devia ter umas 800 pessoas. No final, na hora das perguntas, um aluno me pergunta assim: “Cadê o humor no seu trabalho de arquitetura?”. Eu fiquei cinco minutos em silêncio. Eu não soube responder. Cadê o humor numa obra? Onde tá isso? Parece que o humor e a arquitetura não condizem. A não ser um prédio kitsch que você passa e dá risada, mas isso não é humor.

Pedro Kopstein: É aí que entra o bonequinho símbolo do escritório? Acho que a grande qualidade que eu vejo na tua arquitetura não é o resultado estético, mas a capacidade de gerar emoção nas pessoas. Penso que a arquitetura te deixa mais feliz. Às vezes tu chega em um lugar com um projeto horroroso e, se tu é uma pessoa sensível à arquitetura, aquilo te faz ter uma noite pior, tu te diverte menos. E o contrário também é verdade; por isso que, como incorporador, o nosso foco é, claro, a execução, mas também a boa arquitetura. A gente acredita que com isso vai conseguir com que as pessoas tenham uma vida melhor e mais feliz dentro das casas. Às vezes a pessoa se sente bem em um projeto sem saber exatamente por quê. É uma sensação. Isso que eu vejo na arquitetura que a gente busca. E vocês conseguem trazer isso pro projeto.

MK: O próprio cinema acaba trazendo muita coisa pra minha arquitetura. Então o que antes era a arquitetura pro cinema, virou cinema pra arquitetura.

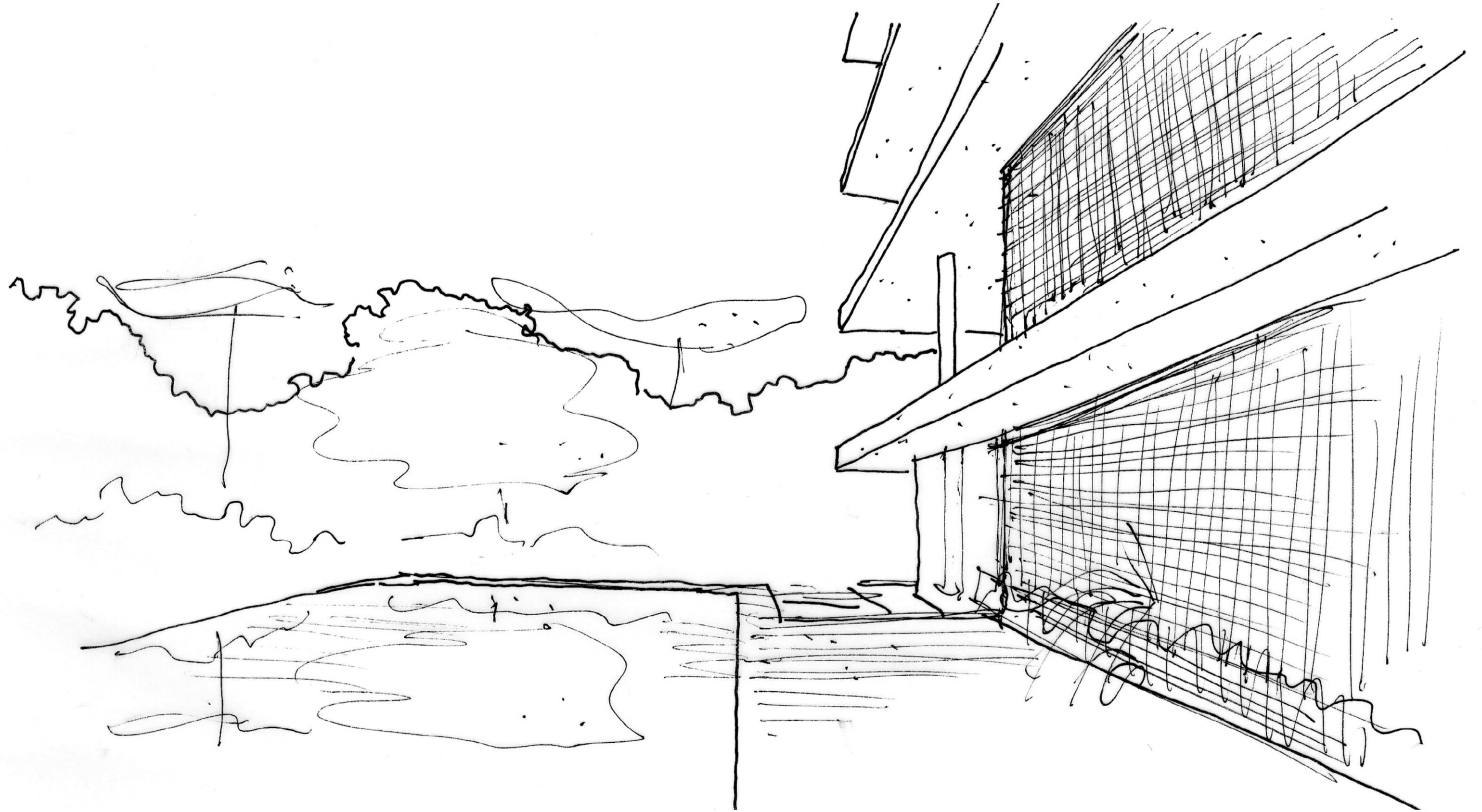
“Até o jeito de projetar, pra mim, é escrever um roteiro. E eu me imagino sempre dentro da obra que estamos desenhando. Às vezes eu gosto até de inventar personagens que eu vou ser pra usar nessa obra, e ver se eu tenho prazer de estar lá ou não.”

Se a janela que tá aqui me incomoda, se ela deveria estar em outro lugar. Então é totalmente movido pela felicidade, pelo prazer de fazer e dar isso pras pessoas. Uma vez eu dei uma entrevista a uma revista espanhola, não era nem de arquitetura, era de assuntos gerais, e falei que eu sou uma espécie de prostituta, que recebe dinheiro pra dar prazer pros outros. Saiu na capa da revista: “Eu sou uma puta” (gargalhada). Mas é, se for olhar, até o meu apartamento tá longe de ser qualquer obra que a gente faz, porque acaba nem dando tempo, e eu gasto esse tempo pra criar vida pras pessoas. É isso, mesmo relativo ao roteiro de cinema, isso de tentar criar emoções, sabe? O lugar não ser um lugar burocrático, passivo, que ele traga essa forma, às vezes um pé-direito maior, às vezes um pé-direito menor, a tensão, a falta de tensão, um corredor mais estreito, um corredor mais largo, o jeito de olhar pra fora através de um quadrado ou de uma bola. O tempo todo criando uma narrativa para que a pessoa não possa ficar indiferente a isso. Ela pode até não saber interpretar, mas a emoção vem junto, isso também é uma missão do trabalho.

Daniel Skowronsky: Voltando nesse assunto do humor, que eu acho interessante. É difícil ele realmente estar na arquitetura, mas a arquitetura é palco pra ele.

MK: Eu acho que arquitetura é coisa séria. Eu não sei, eu acho que tenho até o famoso humor judaico comigo.





MK: O humor é uma coisa muito presente na minha vida, todos os segundos, talvez um humor mais cínico, mais estranho, isso tá dentro da minha alma, mas acho que ele transborda zero pra arquitetura, zero. Arquitetura é uma coisa muito séria. Talvez até no mau sentido, ela é séria. Se eu fizer uma coisa engraçada numa obra, ninguém vai gostar.

LR: Por isso os vídeos das apresentações de vocês têm tanto humor? O vídeo de apresentação do projeto das Maldivas, por exemplo, é muito engraçado.

MK: Sim, esse é engraçado. Foi pro World Architecture Festival, em que você tem 10 minutos pra apresentar seu projeto. Nós fizemos um roteiro, na verdade um PowerPoint de uma apresentação, que tinha no início um filme das pessoas felizes nas Maldivas na primeira semana, e muito irritadas já na segunda (risos). Eu acho que esse lugar é feito pra você ficar uma semana, e não duas. Quando a gente fez o projeto (Patina Maldives), nós pensamos muito em ter coisas diferentes pra não depender só do quarto e do restaurante, ou do mar. Então nós propusemos uma vila, que seria não só pro hotel, mas pra outros hotéis em volta, com restaurante e pavilhões de arte, e o cliente acabou comprando a ideia e fez. Então a gente brincava e defendia nessa apresentação uma forma de você não ficar entediado na segunda semana.

LR: Tem uma música do início dos anos 70 que eu gosto muito chamada “Angel From Montgomery”, do John Prine. A letra fala sobre os sonhos, as frustrações e o fato da vida de uma mulher ter simplesmente passado. A música é interessante por ser cantada em primeira pessoa, essa ideia do Prine de se colocar no lugar dessa mulher pra contar sua história. Tu comenta sobre o teu processo criativo na arquitetura ser influenciado pelo cinema, a criação de um roteiro e, especialmente de personagens que te colocam no projeto. Quando se faz uma casa, existe um personagem definido, mas quando se trata de um edifício, se abre um leque de possibilidades.

MK: Tem uma história engraçada aqui no escritório. Foi um concurso fechado para um bilionário russo em que chamaram três escritórios. Era uma casa no meio do nada. Eu acho que a arquiteta que cuidava do projeto não pegou o espírito do que é ser um bilionário russo. Eu falei pra ela: Por uma semana, imagina que você é uma bilionária russa. Entra no papel, como uma atriz que vai representar, mas ela falou que não conseguia. Eu disse: Azar o seu, perdeu a oportunidade de ser uma bilionária russa por uma semana (risos).

“Quando você está
desenhando, não dá
pra fazer isso dentro
da sua realidade.
Você tem que transpor.
Isso é um filme,
uma peça de teatro.”

LR: Essa é a parte que tu mais gosta nos projetos?

MK: Eu acho que isso é tudo.

LR: O Richard Feynman conta uma história que se chama “Ode to a flower”, e eu vejo muita relação com a arquitetura. Principalmente com a forma como eu percebo a arquitetura de vocês. Por trás da pureza das linhas e da estética que impressiona à primeira vista, existe um universo. São níveis de detalhes que permitem descobertas e instigam novas sensações o tempo todo. Me fala sobre essa atenção aos detalhes em tudo que envolve o projeto.

“Tenho um amigo que é artista e tem uma opinião com a qual não concordo muito. Ele vai segurar uma flor e dizer ‘Olha que linda é’, e eu concordo. Então ele diz: ‘Eu, como artista, posso ver como isso é lindo, mas você, como cientista, desmonta tudo e torna as coisas chatas’, e eu acho que ele é meio maluco. Em primeiro lugar, a beleza que ele vê está disponível para outras pessoas e para mim também, acredito...”

Eu posso apreciar a beleza de uma flor. Ao mesmo tempo, vejo muito mais sobre a flor do que ele. Eu posso imaginar suas células, as ações complicadas por dentro, que também têm uma beleza. Quero dizer, não é apenas beleza nesta dimensão, em um centímetro; também há beleza em dimensões menores, na estrutura interna, nos processos. O fato de que as cores da flor evoluíram para atrair insetos para polinizá-la é interessante; isso significa que os insetos podem ver a cor. Isso acrescenta uma questão: esse sentido estético também existe nas formas inferiores? Por que é estético? Todos os tipos de questões interessantes que o conhecimento da ciência apenas acrescenta à excitação, ao mistério e ao espanto de uma flor. Isso apenas adiciona. Eu não entendo como isso subtrai.”

— **Ode to a flower** (tradução livre).

MK: Isso é uma coisa com a qual eu sou meio obsessivo. Eu gosto do ato de desenhar. Desde o começo do estúdio, precisava desenhar a planta de piso, a planta disso ou daquilo. A gente foi incorporando detalhes e mais detalhes e mais detalhes, até virarem projetos de 100 ou 200 folhas A0. Eu nem acho que isso faça uma obra ser melhor do que a outra. Tem até o exemplo do Niemeyer que não detalhava nada, e as obras são interessantes. Mas, aqui, a nossa viagem do estúdio é uma viagem no detalhe, sabe? O detalhe do detalhe do detalhe. A ideia de uma caixinha em que tudo é encaixado e se junta, e o parafuso tá direitinho. A gente gosta disso, o ato de desenhar virou a cultura do estúdio. E isso ficou cada vez pior por aqui (risos). Quer dizer, os meus seguidores já são piores do que eu. Isso é legal. As empresas italianas de design acabaram nos chamando pra desenhar pra eles, porque eles olhavam isso. Eles não costumam chamar um arquiteto pra fazer um trabalho, mas começaram a nos chamar porque viram essa qualidade do detalhe do desenho, do design. “Deus está nos detalhes”, Mies van der Rohe. Eu penso assim também. Essa frase é linda. Isso é um processo, é interessante. Fazer 100 peças se encaixarem perfeitamente. É um trabalho invisível e muitas vezes você olha e fala: essa obra deles é simples demais, mas na verdade quando você vai ver de perto não é nada simples, pois tem milhares de detalhes. Isso é bonito, uma parte bonita do ofício. Às vezes o cliente não quer pagar o que a gente tá pedindo e eu falo que o escritório não tá cobrando pelo nome, mas de fato pelo trabalho que tem. O trabalho é grande; se você olhar um projeto, vai ver como é impressionante.

LR: Nós que recebemos os arquivos vemos isso na prática.

PK: Eu sou testemunha disso também. Lembro que orcei uma marcenaria de um projeto de vocês e fechei com uma das maiores empresas do Sul. A arquiteta responsável enviou os arquivos do detalhamento e o meu contato na marcenaria me liga e diz: “Pedro, dobrou o preço, eu recebi 25 plantas de detalhe, eu nunca tinha recebido mais de duas”.

MK: (gargalhada) Teoricamente, isso serve pra baixar o custo de um trabalho. Ele provavelmente orçou algo errado na primeira vez e um dia isso ia estourar adiante. Mas, quando se sabe usar esses detalhamentos, a obra tem muito menos surpresas.

PK: A gente enxerga, como cliente, essa diferença no detalhamento e é muito impressionante. O envolvimento, a quantidade de horas, as reuniões pra decidir o detalhe do detalhe. Nada passa batido. E o resultado disso tudo fica maravilhoso.

MK: Pra se realizar uma boa obra, nós temos que passar por esse processo.

LR: Dizem que teu filho Gabriel tem um olhar muito sofisticado pra arquitetura e que uma das frases mais comuns dele, quando trabalhava no escritório, era: “Isso está inaceitável”.

MK: Ele já nasceu totalmente com isso na alma. O olho dele é mais sofisticado que o meu, comparando as idades. Quando tinha uns 30 anos, o olhar dele como arquiteto estava muito acima do que eu tinha nessa idade. Teve uma época que ele trabalhou aqui no escritório, ele passava na sua mesa, via o desenho e falava: “Isso está inaceitável”. E vou te falar: 90% das vezes ele tinha razão. Um olhar mortal, uma coisa muito sofisticada.

PK: E vocês trocam ideias ainda?

MK: Sim, bastante. Tem coisas que a gente faz juntos. Estamos fazendo uma casa. Ele na realidade não é uma pessoa que ficaria o dia inteiro fechado no escritório. Já é de uma nova geração que também não tem lá aquela paciência de ficar 10 anos no mesmo trabalho. Mas ele adora fazer e gosta muito da parte catedrática, então ele faz um pouco de projeto, um pouco de aula, vai ser professor aqui e ali. Esse é o caminho que ele acabou escolhendo.

DS: Tu também acabou inspirando ele nessa questão acadêmica. Tu também gosta de dar aula?

MK: Se um dia você assistir a uma aula dele, vai entender do que eu tô falando. Ele é muito bom nisso. Não tô falando porque é meu filho. Eu vou pra Itália e dou aula com ele e com o Filippo Bricolo, são os melhores professores que já vi. O nome é meu, mas eu não faço nada. Na verdade, sou o assistente e eles dão show. É um show de aula incrível. Os alunos gostam quando eu fico desenhando com eles na mesa, como eu faço aqui no escritório, mas o resto é com eles. Eu vou lá porque tem uns restaurantes que eu adoro, eles sabem disso (risos).

LR: O Studio MK27 foi fundado no final dos anos 70. São mais de 40 anos de trajetória. Isso é uma vida e, assim como a vida, eu imagino que tenha momentos felizes e outros nem tanto. Fala um pouco sobre os momentos mais marcantes pra ti na história do Studio.

MK: O começo foi muito difícil, muito, muito difícil. Você está aprendendo e ainda não tem um bom cliente. Conciliar o seu trabalho com um bom cliente é extremamente difícil. Esse é o grande desafio, todo mundo que tá começando vai entender do que estou falando. Por sorte a gente acabou atravessando essa barreira. Tem gente que não consegue. É um golpe de sorte, na realidade. Momentos de muita angústia em que eu sabia que poderia fazer muito mais do que eu estava fazendo e não tinha essa possibilidade. Um dia entra um ou outro cliente e você começa a fazer

um trabalho muito bom, é uma espiral que começa a subir. Cada coisinha é uma coisinha a mais, e melhor e melhor e melhor, até que você chega numa situação razoavelmente confortável. Mas quebrar esses 10, 15 primeiros anos é angustiante. Apesar de ser feliz em todos os momentos de arquitetura, esse início foi um momento que não gosto nem de me lembrar. Foi triste, porque você fica ansioso que o jogo tá correndo e você tá perdendo de 4 a 0 pra vida ou pra sua profissão, e você precisa ter paciência pra buscar os 4 gols nos últimos 10 minutos de jogo. A ansiedade te mata. Teve uns dois anos que entraram uns projetos e fizemos coisas bem legais e, de repente, isso te joga em outro patamar. Então é muito complicado. Isso eu acho também que tem muito a ver com o sistema aqui no Brasil de poucas obras públicas. Você vê em vários lugares do mundo e isso dá muita oportunidade pros jovens arquitetos. Aqui o mercado é praticamente privado, então você depende disso. Em vários lugares do mundo, são dezenas de concursos o ano inteiro.

LR: Teve um projeto específico que foi bem marcante nessa história, a Casa Gama Issa.

MK: Foi bem nesse momento em que a gente fez 3 ou 4 projetos que tiveram sucesso. Isso é até uma coisa engraçada: quando eu me formei, queria fazer habitação social e me formei pra isso. Fui conhecer tudo que estavam fazendo disso no mundo inteiro, fui visitar as novas cidades francesas, era o que eu queria fazer. De repente, fui parar em habitações de alto luxo, porque o destino te faz isso.

Toca o telefone e daí é um cliente superlegal: “Quer fazer uma casa pra mim? Nós vimos uma obra que você fez que a gente gostou muito”. O telefone toca, e você vai por aqui, depois vai por ali. Um destino incrível. E aí essa casa acabou catapultando o escritório pra fora do Brasil. Foi capa de muitas revistas. Eu tenho umas 50 ou 60 publicações em revistas. Nós pegamos o segundo lugar em um concurso megaimportante de arquitetura, então ajudou muito o escritório nesse sentido. É um cliente que foi muito incrível. Ele aprovou 100% do projeto. Já voltei a fazer projetos pra ele e ficou 1 ano pra aprovar, mas aquele aprovaram na hora (risos).

LR: Tu me contou uma história que eu acho bem relevante, especialmente pra quem tá começando a trabalhar com arquitetura ou outro ofício criativo que envolva uma relação intensa com o cliente. A história é sobre o pedido de um cliente que ajudou a moldar a essência do Studio.

MK: Após esse primeiro momento, fazíamos tudo muito asséptico, muito branco, meio Kubrick. E um cliente falou: “Queremos uma casa de vocês, mas não vai ter branco nenhum aqui”. E essa foi a primeira vez em que começamos a misturar materiais naturais, pedra, madeira, concreto. A casa acabou ficando supercharmosa, eles moram lá até hoje e deixam tudo superarrumadinho. Gostamos dessa fusão de uma arquitetura modernista asséptica com uma coisa muito calorosa. Talvez tenha 20 anos essa história, foi no começo dos anos 2000, e virou a nossa arquitetura. E vou te falar uma coisa: todo cliente que a gente levava na Casa Gama Issa, a gente não pegava o trabalho; todos que a gente levava nessa outra casa, a gente pegava. A casa ficou muito sedutora, a outra é um museu. Quando vinha pessoal de fora, imprensa, você levava na Gama Issa; quando era um cliente, levava na outra. Essa casa acaba marcando a arquitetura que o escritório fez nos anos seguintes.

LR: Eu considero isso uma grande lição pros novos arquitetos. É uma questão de saber ouvir e interpretar.

“Uma das coisas que eu aprendi com o tempo é saber ouvir. Eu acho que você nunca sabe ouvir quando você é moleque, meio arrogante. E um dia eu aprendi, sabe? Logo no começo me pediam uma coisa e eu não sabia lidar com isso. Era: ou é isso, ou é isso. Aos poucos fui aprendendo a ouvir e entendi que talvez a segunda, a terceira ou a quarta opção pode ser muito melhor do que a anterior. Então eu levava a crítica como uma oportunidade de melhorar alguma coisa.”

Me deu um clique no momento e eu soube lidar com isso muito bem. Eu tava contando isso pra um amigo na época mesmo, e ele falou: “Tá bom, agora você vai fazer a minha casa”. Porque ele achava que eu não tinha essa capacidade de ouvir. E acabei fazendo. Mas é muito legal isso. Quando você é jovem, se sente acima do mundo, é difícil aprender a ter essa humildade e entender o processo. Eu tenho o costume de ouvir muito.

LR: O Studio tem mais de 40 anos, mas foi em 2001 o ponto de virada e o momento em que vocês adotaram um sistema de cocriação e trabalho cooperativo.

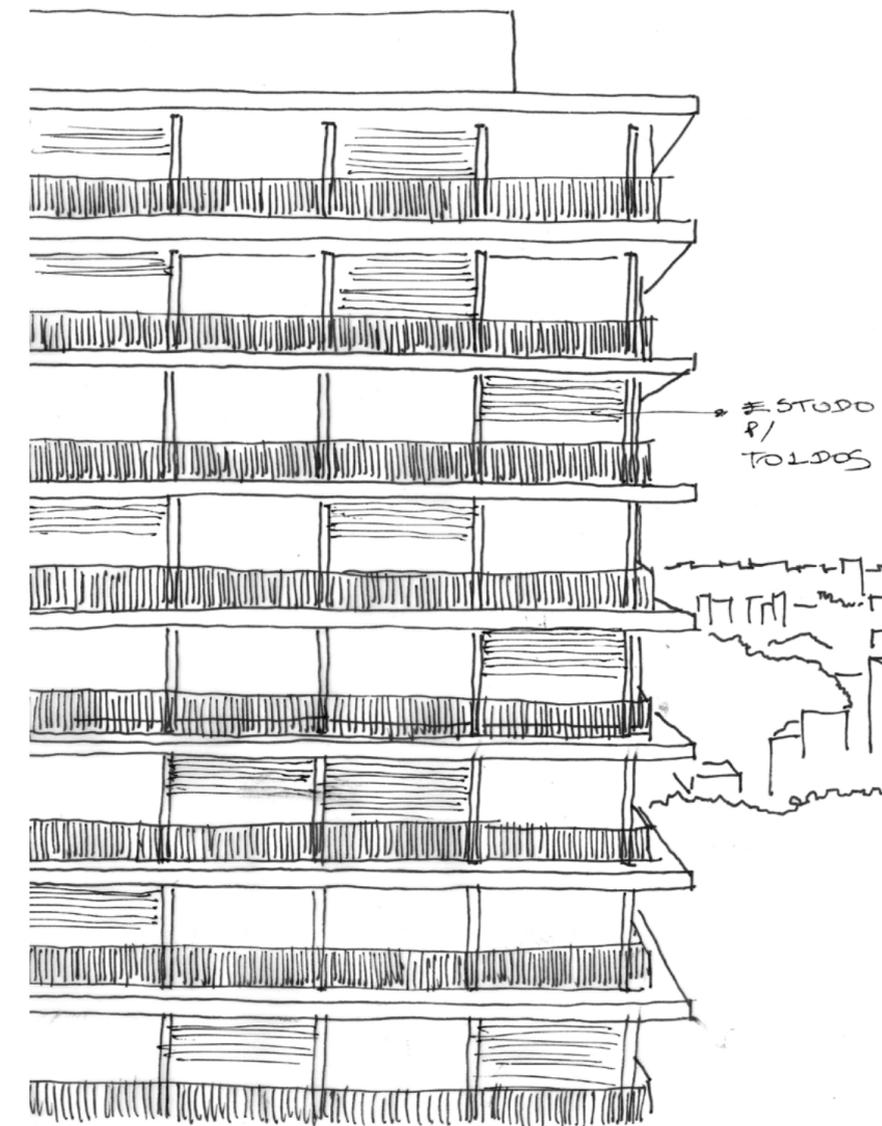
MK: Sim, foi essa a época da ebulição. Arquitetura é uma profissão de velho. Posso falar isso com muita certeza. Você aprende a fazer o processo de uma forma muito demorada. Eu gosto disso. Você raramente vai ver alguém com vinte e poucos anos fazendo um projeto incrível. Cinema também tem um pouco disso. Tem o caso do Orson Welles, que tinha vinte e poucos anos quando fez “Cidadão Kane” (1941), mas é muito raro fazer uma obra-prima quando jovem.

PK: Mas foi o que o David Libeskind fez em São Paulo, o Conjunto Nacional é maravilhoso.

MK: Existem casos. Sabe quem era genial? Eduardo Longo, que ainda muito jovem fez obras incríveis aqui em São Paulo.

PK: O Frank Lloyd Wright foi pegar o jeito mais velhinho.

MK: As obras demoram, os processos demoram, e aí fica pronto.



“Eu tenho essa coisa de nunca chegar em uma obra e falar: que incrível o que a gente fez. Eu chego lá e falo: poderia ficar melhor.”

PK: Todos os teus colegas aqui do Studio já me disseram: “Quando o Marcio vai depois de pronto...”.

MK: Não é que eu tenha prazer em falar: nossa, eu sou muito bom. Nunca tive isso na vida, nada, zero. Eu quero fazer melhor. Então é isso. Uma demorou 3 anos, você vai fazer a outra, são mais 3 anos, e vai girando a vida e você vai aprendendo a fazer. Até hoje em dia acho que ainda não aprendi a fazer. Penso que isso seja uma coisa muito bonita da profissão.

DS: Essa frustração de terminar a obra e perceber que poderia ter sido melhor, isso ajuda a tornar o teu trabalho ainda melhor?

MK: Eu não acho que seja uma frustração. Não me dá o prazer que muita gente teria. Mas eu gosto disso, da lição que você tira. Não tem um trabalho que eu não tenha uma crítica, que eu não ache que poderia ter feito melhor. Isso é o que eu olho, acabou. Eu gosto desse olhar. Tem muita gente que pensa: “Eu sou incrível, eu sou não sei o quê”. Eu acho até ridículo (risos).

LR: E tu vê: o Orson Welles nunca conseguiu repetir algo tão grandioso.

MK: Quando você é muito jovem e faz uma obra muito boa, eu conheço várias histórias, você naufraga. Você não tem maturidade pra fazer isso. É o jeito de lidar com todo o processo, de lidar com o cliente, de lidar na obra. É uma profissão que demora. Eu gosto disso, sabe? É mais difícil de copiar, você até pode copiar um material ou alguma coisa na fachada que aparece, mas é um processo complexo e eu não acho que se aprende isso de um dia pro outro.

LR: Estávamos falando em humor antes e eu me lembrei de uma situação que aconteceu ontem enquanto fazíamos um tour pelo Studio. Eu tava olhando pra tua sala de longe e o Edu Rabin (diretor de fotografia) tava de frente pra mim com o Carlinhos ao lado. De repente eu vejo o olhar do Edu encontrar um quadro e simplesmente entrar em choque. Já estávamos nos acostumando a ver as obras originais nas paredes do escritório, mas aquele era um Modigliani. O Carlinhos entendeu a situação na hora e começou a rir. Então ele disse: “Esse (pausa dramática) não é original”. Eu achei uma piada maravilhosa.

MK: (gargalhada) Esse quadro a gente usou em uma cena de museu no filme “Fogo e Paixão”. Recentemente o Isay trouxe ele aqui e me deu de presente. O Modigliani tava guardado no escritório dele.

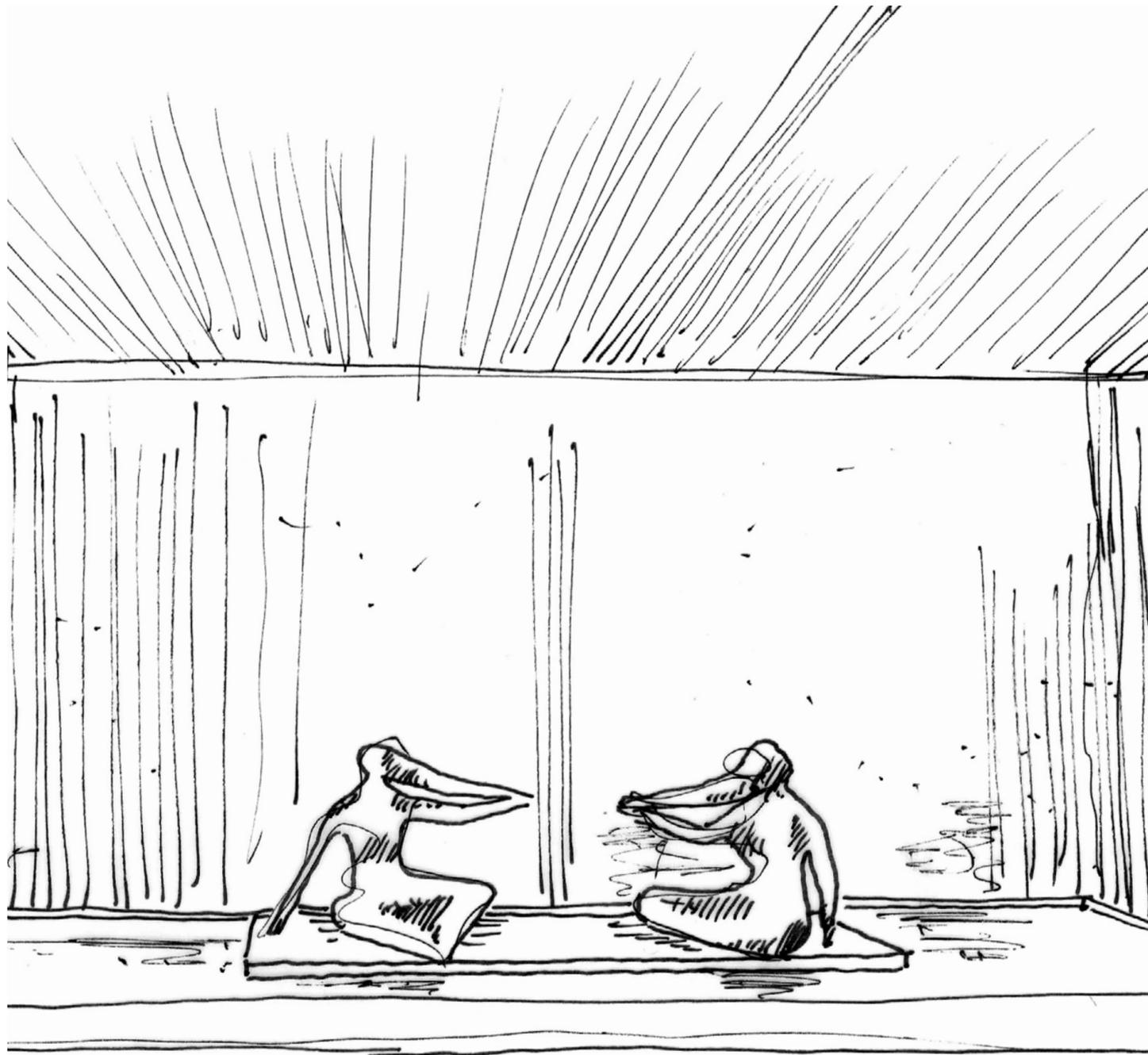
Eduardo Rabin: Eu olhei o quadro e disse pro Carlinhos: tá de sacanagem.

PK: Deve ser bom ter um Modigliani original.

MK: Mas uns croquinhos assim... lá em cima tem um Magritte, mas é um desenho de caneta Bic (risos).

LR: Resgatando essa conexão com o cinema. Tu comentou da influência do cinema na tua arquitetura. Quais são os elementos do cinema nos teus projetos?

“Acho que eu trouxe do cinema o trabalho em equipe. No cinema tem isso de uma forma muito forte e na arquitetura era ‘o dono e o resto’. Você vê a importância de uma direção de fotografia, a importância de uma cenografia, de um roteiro.”



MK: O roteiro às vezes faz o filme. É uma equipe trabalhando e a arquitetura não tinha esse sentido. Eu comecei a implantar um sistema coletivo de trabalho aqui no Studio que existe até hoje e é muito forte. Uma época eu estava começando a contratar mais gente, fomos crescendo muito devagarinho e veio um pessoal, um grupo de cinco amigos, pedir emprego, trazendo um portfólio incrível. Eu não podia contratá-los naquele momento e deixei de lado. Acho que um ano depois comecei a contratar um, depois outro, e entrou um pessoal jovem, muito cabeça, bastante conhecedor do que tava acontecendo no mundo. Todos eles fizeram pós-graduação em Barcelona. A Renata Furlanetto é uma delas, a Samanta Cafardo também. Me deu um clique de fazer o escritório virar isso, sabe? Das pessoas participarem. Todos os projetos do escritório têm coautores. Eu nunca assino sozinho, em nenhum dos casos. Isso virou uma mágica aqui dentro. Eu às vezes luto, tem que aparecer o nome de todo mundo no projeto, as pessoas são coautoras, é uma outra forma de visualizar o trabalho. Então virou um lugar em que as pessoas participam do projeto num primeiro nível, todo mundo. Obviamente que o pessoal mais experiente tem mais força, mas mesmo muita gente começando tem oportunidades nesse sentido. Isso foi uma coisa bonita do cinema. Nossas obras têm muito esse olhar alongado da tela do cinema, uma coisa miesiana (Mies van der Rohe). Quando eu ia escolher qual frame filmar, quanto mais alongado, mais eu gostava. Então eu acho que o olhar pelo viewfinder, pelo visor da câmera, é o jeito de olhar a arquitetura, a nossa arquitetura. Isso é uma coisa forte. O ato de projetar como um roteiro. Acho que esse primeiro momento é um roteiro, em todo o seu sentido, você poderia escrever o projeto. E outra coisa é a luz. Você vê a mágica da luz no cinema, isso é incrível, a luz natural, a luz artificial. No longa que fizemos, às vezes o pessoal ficava fazendo a luz por 12h, aquele cenário horrível em que se vê o pano saindo. Liga a luz, plim, a mágica. Isso é muito incrível. Numa obra de arquitetura tem que pensar na luz natural, na luz artificial. Isso é mais uma estrelinha pro capítulo emoção. Não só emoção, o aspecto de ser aconchegante, de ser agradável de se viver no lugar, a luz tem muita importância nisso.

LR: Eu gosto muito do cineasta Chris Marker e ele tem uma coleção chamada "Petite Planète", de 1954 a 1964, de guias de viagem. Cada volume é um país, são 32. Alguns enfatizam história, outros arte ou política, mas todos incluem informação prática de viagem. Quais lugares não poderiam faltar no teu guia de viagens, além de São Paulo, claro?

MK: Eu tenho muita paixão pela Itália, por todas as razões que mencionei. Dou aulas lá há muitos anos, tenho vários amigos no país. Adoro o lugar, adoro as pessoas. Trabalho com algumas fábricas italianas. Criei um amor pelo lugar. Obviamente adoro Paris, adoro Londres, mas, recentemente, nos últimos 10 anos, a história da família virou o Japão. Uns 8 ou 9 anos atrás, eu resolvi ir pro Japão e foi uma espécie de viagem interplanetária. Esse foi o sentimento, de chegar em outro planeta. Eu gostei disso. Um lugar que eu tenho empatia, não é um lugar em que eu moraria, mas é um lugar que eu adoro visitar. Acabamos fazendo amizade, por causa do Gabriel, com vários arquitetos japoneses, fomos conhecendo esse trabalho brilhante que eles fazem na arquitetura contemporânea. É um lugar que virou um objeto de desejo. Fui todos os anos desde então. Agora com a pandemia falhei 2 anos, mas quero voltar logo. Eu nem gosto de conhecer todo o Japão, gosto de ficar em Tóquio. Tem até umas brigas familiares ou com os amigos que vão junto às vezes, porque por mim ficava só lá andando pela cidade. A gente sai de manhã pra ir ao museu que fica a 2 horas de distância, chega ao museu às 5h30 da tarde e o museu já tá fechado. Nunca chegamos aos lugares, porque vamos passando por uma loja, por um café, entramos numa livraria, vamos explorando a cidade e nunca chegamos ao destino combinado.

LR: Tu planeja ou prefere te perder pelas cidades?

MK: Nas ruas eu gosto de ir caminhando, horas e horas caminhando, mas você tem que planejar um pouco se não você não consegue ir jantar em nenhum lugar razoável. Eu faço algumas visitas de obras de arquitetura que eu gosto, dessa nova geração de arquitetos, já dos anos 70 e 80, acho incrível o trabalho deles. Sempre vamos ver obras desses japoneses que pra mim fazem a melhor arquitetura atual. Sanaa, Nishizawa, Toyo Ito, Sou Fujimoto, Kengo Kuma,

Junichiro Tanizaki, na verdade esse é um escritor, misturei um escritor com os arquitetos, mas é um escritor que eu gosto bastante. Tem uma série de vários nomes que estão fazendo um trabalho incrível. E tem uma coisa muito interessante: são obras em que nenhum ocidental moraria. Elas quebram paradigmas da arquitetura. Fui visitar uma casa em que o chão da sala era de terra, outra em Tóquio que o terreno tinha 32 m², você acredita nisso? Um pouco maior do que essa sala. São espaços muito pequenos, em que você passa por um ambiente para ir ao outro. Às vezes precisa passar por um quarto para ir a outro quarto. Quebram todos os princípios de arquitetura e eu acho isso genial. Tudo que a gente tenta fazer um pouquinho fora de um racionalismo ocidental impecável, o cliente não aceita. E lá você vê isso acontecer o tempo todo. Muita gente topou o desafio de morar em uma casa experimental, um prédio experimental.

LR: Tu já assistiu a “Tokyo Ga”, do Wim Wenders?

MK: Sim, inclusive esses dias teve uma grande polêmica que tá chegando ao fim, do prédio cápsula que estão começando a demolir. Não queriam deixar de jeito nenhum, mas ele tem problemas de segurança. Da última vez fui visitar uma dessas cápsulas. Consegui entrar no prédio, o que é bem difícil. Você mora em um apartamento de uns 10 m². Mas é cara de cápsula mesmo, tudo embutido, parece uma nave.

LR: Aliás, no começo do teu vídeo “Daiki”, da Minotti, eu pensei que tualaria “Estou tomando um Suntory no bar do hotel...”, como o Bill Murray em “Lost in Translation” (2003), da Sofia Coppola, mas era só uma Coca-Cola com gelo e limão.

MK: (gargalhada) De fato isso acontece. Eu não sou muito de beber, mas os whiskies japoneses são incríveis, então de vez em quando eu tomo um whisky lá. Não sei se você já tomou, Pedro?

PK: Já tomei, são incríveis mesmo.

LR: A Fernanda, minha namorada, morou em Tóquio aos 17 anos, trabalhou com o Issey Miyake, e as histórias são incríveis. Ela é apaixonada por Tóquio, sempre me diz que se sentia dentro de “Blade Runner”.

MK: Exatamente, é “Blade Runner”. Às vezes você tá na rua e se sente em “Blade Runner”, naqueles lugares cheios de bares. Você está dentro do filme. E tem uma coisa muito forte do filme que é essa mistura bastante clara do passado e do futuro. O tempo todo você tá no lugar mais futurista do mundo e às vezes tá no lugar mais atrasado do mundo. Isso é muito evidente. É um povo tradicional que ao mesmo tempo faz coisas supermodernas na parte de moda, arquitetura, arte, é muito incrível.

LR: Vocês são fãs da geração do modernismo brasileiro. O que mais te inspira nos projetos dessa geração e de que maneira vocês mantêm esse espírito nos projetos do escritório?

MK: Quando eu tava na faculdade de arquitetura, eu odiava esse modernismo. Odiava Niemeyer, odiava tudo em volta disso. Os professores tinham essa cultura, eles queriam ensinar quase como um sistema dogmático. Naquele momento eu tava interessado na arquitetura do grupo inglês Archigram, na do grupo italiano Superstudio, coisas mais conceituais, mais contemporâneas, no período em que já estavam construindo o Centro George Pompidou.

“Eu achava que tinha outro mundo pela frente. Então o modernismo não era a minha praia. Depois de formado, no mundo real, comecei a ter profunda admiração pelo modernismo brasileiro e entender uma coisa que é muito incrível: como esse lugar, o Brasil, totalmente isolado, um terceiro mundo autêntico, cria, em um certo tempo, algo tão mágico.”

MK: Nesse final dos anos 50, cria uma arquitetura incrível, uma música incrível, tudo incrível vem desse lugar. Não foi só Niemeyer, foi muita gente na arquitetura e na música também. Era um Brasil desse modernismo chic, o Brasil de João Gilberto. Foi sensacional. Comecei a ter essa fascinação e no final sou cria desse movimento. Talvez todo arquiteto brasileiro seja filho disso. Todo arquiteto atual é filho daquele momento. Acho que o modernismo que se fez no Brasil foi o grande modernismo da história. Que começa com esse prédio do Ministério da Educação e Saúde, com a curadoria do Le Corbusier, no final dos anos 30. Uma vez eu tava me preparando pra uma conferência sobre o Niemeyer, de quem eu não conhecia tão profundamente o trabalho na época, e eu ia sentar em uma mesa com todo mundo que conviveu com ele. Achei uma entrevista com o Lúcio Costa no YouTube em que ele conta que o Marcel Breuer disse a ele que, enquanto o mundo estava fazendo a Segunda Guerra, o Brasil estava fazendo essa obra incrível de arquitetura, com uma tecnologia do futuro. E esse era o prédio do Ministério da Educação e Saúde.

LR: O teu escritório é uma miscelânea de arquitetura e arte. Me pareceu uma declaração sobre a necessidade de estarmos cercados de arte na vida. Essa relação é muito presente no modernismo brasileiro. Quão importante é a intercessão arte e arquitetura pra ti? O Edifício Iaras não ganhou esse nome à toa.

MK: Essa é uma ótima colocação. Foi muito clássico do modernismo a presença da obra de arte. Uma coisa muito forte do Niemeyer é ter sempre uma obra de arte pontuando a arquitetura. No Edifício Iaras, acontece uma coisa bem curiosa, e eu acho que é um retorno poderoso do Studio a esse modernismo. Nós achamos uma oportunidade de comprar uma das edições da escultura “As Iaras”, que está na frente do Palácio da Alvorada, do Alfredo Ceschiatti. Uma edição limitada, em escala um pouco menor. Nós levamos isso pro Pedro, ele adorou a ideia. É uma homenagem a essa arquitetura do Niemeyer com a arte do Ceschiatti, que acabou sendo responsável por várias esculturas em Brasília.

LR: O hall com a escultura de Ceschiatti no espelho-d’água talvez seja uma das coisas mais emblemáticas do Edifício Iaras.

MK: É bastante emblemático, até porque essa escultura não é tão simples de se conseguir. É uma homenagem ao modernismo brasileiro com toda a intensidade.

LR: Vocês projetam pro mundo todo. Projetar em uma cidade exige um certo nível de compreensão cultural. Como funciona pra vocês esse processo de entendimento a cada cidade? O Iaras é o primeiro projeto do Studio MK27 em Porto Alegre.

MK: Sim, esse é um processo bastante prazeroso. Você se transporta pra cada lugar e, obviamente, os arquitetos locais e as pessoas locais nos ajudam muito. O escritório tem feito bastante isso. É até curioso: uma vez tínhamos o projeto de uma casa em uma montanha com neve no Canadá. Como uns tropicalistas conseguem fazer isso, não é? Era inverno na nossa primeira visita e o cliente queria que a gente visse a montanha com neve. Fomos visitar o terreno, imagina a gente subindo com aqueles sapatos, não sei o nome daquilo, uma coisa bem ridícula. Estávamos eu, a Mariana Simas e a Diana Radomysler subindo aquilo e o cara falou: “Não saia da trilha”. Eu me distraí, fui olhar a vista e desapareci num buraco, tiveram que me resgatar (gargalhada). Eles iam na frente por causa disso, e eu tinha que ficar prestando atenção nas pegadas pra não sair da trilha. Acho que desviei uns 15 cm e fui embora, de repente eles olham pra trás e eu sumi (gargalhada). Eles estavam com medo dos tropicalistas subindo a montanha nevada. Mas isso é o tempo todo, faz parte do nosso dia a dia. É um prêmio pela carreira, o prazer de um dia estar em Barcelona, outro dia estar em Porto Alegre, outro no Rio ou na montanha nevada no Canadá, isso é muito legal.

LR: Como tu descreve a arquitetura do Edifício Iaras e o que mais te impressionou no resultado atingido?

MK: Eu vou te falar a coisa que mais me chama a atenção nesse projeto: o Pedro Kopstein. Uma pessoa com muito amor e empatia pelo nosso trabalho, que trata o escritório com profundo respeito, sem medir esforços pra gente ter um grande projeto. Isso no mercado imobiliário é muito raro. Estamos envolvendo muito amor, porque ele merece.

“E voltando a uma pergunta anterior, levar um pouco do prazer, da felicidade do nosso trabalho pra quem vai morar nesse lugar. Eu olho e gosto muito mais de falar sobre isso do que de explicar o prédio. Acho isso muito poderoso. É uma relação, quase um amor à primeira vista, e eu dou muito valor pra isso. Não é comum encontrar esse tipo de coisa no mercado brasileiro. Eu tô te falando com zero demagogia. Poderia inventar qualquer outra resposta, mas aqui isso existe com muita força e você sabe disso perfeitamente.”

S T U D I O M K 2 7

ENTREVISTA

Renata Furlanetto, Diana Radomysler e Pedro Ribeiro, profissionais responsáveis pelo Edifício Iaras, conversam sobre arquitetura, interiores e todos os detalhes do projeto.

Admiradores da geração do modernismo brasileiro, os arquitetos do Studio MK27 buscam cumprir a tarefa de repensar e dar continuidade a esse movimento icônico, criando projetos que valorizam a simplicidade formal e são elaborados com extremo cuidado e atenção aos detalhes.



Renata Furlanetto, diretora

Lucas Rachewsky: Renata, a expressão que mais ouvi aqui no Studio MK27 foi trabalho colaborativo. Inclusive o Marcio comenta sobre isso ter sido um ponto de virada pro escritório. Também me chamou a atenção o fato de todo mundo que conheci aqui estar no Studio há mais de 10 anos. Me fala sobre a tua trajetória na arquitetura e sobre o que significa pra ti fazer parte dessa equipe.

Renata Furlanetto: É verdade, eu estou no Studio há 20 anos. Eu não sabia muito bem se faria arquitetura, pensei em ser psicóloga, médica e até oceanógrafa. A arquitetura caiu na minha vida de sopetão.

Eu não tenho nenhum parente arquiteto e não tinha nenhuma relação mais emocional com a arquitetura, mas eu queria entrar na FAU. Como eu não sabia exatamente o que fazer, achei que entrar na FAU seria uma opção de ser qualquer coisa que não necessariamente arquiteta. Só que eu não entrei na FAU, entrei na Mackenzie e assim começou a minha relação com a arquitetura. Hoje em dia eu acho que foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, porque hoje eu tenho certeza que eu quero ser arquiteta.

“De uma certa maneira, a minha vida foi me encaminhando pra estar em um lugar que eu tenho muito orgulho de estar, que é aqui. Fazer trabalhos que eu tenho muito orgulho de fazer e o Edifício Iaras, da Kopstein, é um exemplo disso.”



Eu trabalhei muito com professores, então me relacionei com a arquitetura de uma maneira muito visceral. Eu comecei a trabalhar cedo, não era por dinheiro, mas pelo prazer de aprender algo que eu não tinha a menor ideia do que significava. Pra mim, a arquitetura, construir uma casa, era como abrir o capô de um carro e falar: “Como eu conserto isso?”. A arquitetura tem uma coisa criativa, que é a base, mas ela se propõe a ser um objeto que vai ser usado pelas pessoas, então existe uma técnica, um jeito de fazer. Existe uma coisa que você tem que ir aprendendo com o tempo. Então eu sempre fui me baseando nos exemplos que eu tinha e, no primeiro momento, meus exemplos eram os professores. Por isso, a minha relação na faculdade foi muito forte, eu entrei de cabeça. Antes de sair da faculdade, eu já queria ter o meu próprio escritório e logo montei um com três amigas. Só que tivemos uma crise econômica horrível e eu decidi ir embora do Brasil pra estudar. Eu fui pra Barcelona, onde morei com dois arquitetos e só fiz coisas relacionadas com arquitetura. Trabalhei na universidade, trabalhei na Actar Arquitectura, um escritório que na época era muito fora do padrão. Não era sobre o ofício, mas sobre as ideias de arquitetura, eu conheci um jeito de fazer completamente diferente do que eu tinha aprendido na faculdade até então. Isso foi um divisor de águas, pois eu não queria fazer arquitetura pelo trabalho de simplesmente construir e entender qual o projeto executivo, qual a sequência do processo, produzir uma coisa que depois vai pra obra e fica pronta. Eu queria fazer alguma coisa que tivesse significado e pudesse de alguma maneira me trazer um orgulho não por repetição, mas por pensar coisas que outras pessoas não tinham pensado ainda.

“No final das contas, eu acho que gosto de aprender e isso não acaba na vida. Arquitetura é um pouco isso, você nunca tá pronta. Você sempre está achando que tem alguma coisa que pode melhorar e aprender.”

Trabalhar aqui no Studio é isso, eu tô aqui há 20 anos e eu não acho que tô pronta, assim como eu tenho certeza de que o Marcio acha que ele não tá pronto. É uma busca constante de você pensar, é uma crítica, tem uma dor, um estresse, mas por outro lado quando a gente faz um projeto do qual se orgulha é uma felicidade imensa.

LR: Como foi voltar pra realidade brasileira até entrar pro Studio?

RF: Quando eu voltei de Barcelona, eu tava muito perdida, porque eu não tinha muito como me relacionar com os escritórios daqui. Fui de novo trabalhar com um professor, pois achei que seguiria uma carreira acadêmica. Um amigo veio trabalhar com o Marcio, eu já acompanhava um pouco do trabalho dele. Eu me lembro de uma entrevista que vi em que ele falou que Deus estava nos detalhes. Na hora eu pensei: Acho que quero trabalhar com esse cara. Porque pra mim era isso, não era uma coisa objetiva, era subjetiva, era uma emoção. Pra mim faz sentido trabalhar com emoção, apesar de ser algo técnico, que tem um processo. Se não tem esse sentimento, essa visceralidade, tem o lado da angústia, mas tem a sensação de você ter conseguido chegar a um lugar que pra você tava tão difícil. Pra mim é um pouco isso. Quando comecei a trabalhar com o Marcio, ele me deu muito espaço. Eu tava entrando com uma cabeça Barcelona, totalmente utópica, e ele tinha uma prática que tava se consolidando. Eu lembro que a primeira casa que eu fui visitar do escritório foi a Gama Issa; eu não fiz essa casa, eu não tava aqui, mas eu vi o escritório nascer a partir dali. Éramos muito pequenos, estávamos fazendo casas, mas também queríamos fazer concursos. Fizemos um para a embaixada da Espanha. Tínhamos muita vontade de sonhar e foi isso que me prendeu ao escritório; a gente não para de sonhar, não para de imaginar coisas que a gente não fez e poderia fazer.

LR: O Iaras é o primeiro projeto de vocês pra Kopstein e também o primeiro em Porto Alegre. Esse desafio de desbravar um novo cliente e uma nova cidade é o que alimenta o teu trabalho criativo?

RF: Nunca tínhamos trabalhado em Porto Alegre, então seria uma primeira experiência. Trabalhar para incorporação é uma coisa que às vezes te coloca numa posição como arquiteto de ser tolhido, de ser limitado. Mas tem duas coisas que diferenciam muito essa parceria com a Kopstein e que fizeram o projeto dar certo. Primeiro, a Kopstein entende de arquitetura, então entende desse sonho, do desejo de fazer uma coisa bem feita. E eu acredito que eles querem deixar um legado, eles têm um legado que importa, não é um negócio pura e simplesmente. Tem um outro tema que pra gente foi importante: a Kopstein conhece para quem estão fazendo. Ontem estávamos falando do projeto e eu até brinquei que ele nasceu em volta da churrasqueira. O primeiro projeto complementar que eu tive foi o da exaustão da churrasqueira, porque essa vida em volta do churrasco é importantíssima pro gaúcho. O que pra mim, que sou italiana, é a macarronada do domingo, é o churrasco pro gaúcho. Então entramos em Porto Alegre por um caminho muito gostoso, de entender para quem estávamos fazendo o projeto e juntamos isso com a nossa linguagem.

LR: De que forma essa linguagem se traduz no empreendimento?

RF: O edifício vai ter uma quina de vidro na sala, que é completamente interligada com a varanda. Essa relação do dentro com o fora, essa não limitação, essa expansão que vem do modernismo, é uma coisa que tá intrínseca em como pensamos os espaços. Por outro lado, nunca teríamos posto a cozinha na frente e, de repente, a gente coloca a cozinha e a sala pra melhor vista, pois é ali que a vida da família vai se dar. Criamos a possibilidade dessa cozinha estar ligada com a sala e ligada com a varanda, então você pode comer dentro ou fora. São vários momentos em que você vê ali, que pra gente fez todo sentido, pois o Pedro Kopstein nos disse “Eu acho que vocês precisam prestar atenção no churrasco”, e foi ótimo.

LR: Vocês sempre fizeram muitas casas, mas de uns anos pra cá começaram a projetar edifícios.

RF: Nós temos um background muito grande de casas, já fizemos muitas para muitos clientes. Nós entramos muito na intimidade de cada um. A arquitetura, pra mim, faz sentido quando aquele que vai usar se reconhece ali. Estamos fazendo uma base que passa a ter valor no momento em que for usada, em que tiver um significado pra quem tá usando. Eu acho que é importante dentro dessas relações tentar entender o cliente, fazer um trabalho que, pra ele, seja o melhor possível, pois pra um e pra outro as respostas são diferentes. O que pra um pode ser muito importante, pra outro não. Às vezes é difícil quando a gente faz um prédio, pois não temos um usuário final que nos guia, e eu acho que a Kopstein fez esse trabalho de ir guiando essa conversa e criando esse produto do qual temos muito orgulho, tanto em termos estéticos de projeto quanto de experiência, que foi muito boa. Porque o projeto é um projeto, agora o prédio será um prédio construído

com todas as suas vísceras, estrutura, ar-condicionado, elétrica, hidráulica. Claramente é um produto que está sendo muito bem cuidado. Então não é só sobre ter um projeto legal, mas sobre como construir de uma maneira não só eficiente, mas de qualidade. Às vezes eu me confundo, pois escuto o Pedro falando: “Vamos fazer isso, isso tem que durar, se eu morasse aqui faria assim”. E ali a gente percebe que tem um valor, como se ele estivesse fazendo pra ele mesmo. É nesse ponto que a gente se parece também: cada vez que fazemos um projeto, é como se estivéssemos fazendo pra gente. Temos que tomar milhares de decisões, e muitas vezes tomamos essas decisões dentro de um universo do que consideramos que é bom e fazemos com esse cuidado. É esse processo e esse cuidado que dão tão certo com a Kopstein.

LR: A arquitetura é muito racional, mas ela mexe com uma das coisas mais importantes na vida das pessoas que é a moradia, e tu fala muito sobre emoção. Também sobre esse cuidado com a qualidade, pois a arquitetura, principalmente em se tratando de edifícios, ela fica. Como funciona pra ti essa fluidez entre as cidades e os projetos, como é o teu processo em relação a essas mudanças culturais?

RF: Eu me sinto superprivilegiada. Na primeira vez em que morei fora, conheci um mundo que eu não tinha a menor ideia do tamanho que poderia ter. Tem uma coisa de você conhecer os lugares, de passar pelos cartões postais, mas tem outra: as pessoas que teoricamente são iguais a você, vivem de jeitos tão diferentes, pensam de jeitos tão diferentes de você. Então pra mim isso é muito prazeroso, poder conviver com pessoas e entender jeitos diferentes, aprender algo que eventualmente eu não teria parado pra pensar, com pontos de vista tão diversos e que são válidos, que fazem sentido.

“Quando fazemos casas para diferentes pessoas, tem um prazer nessa relação, pessoalmente eu me envolvo muito com os clientes. Entramos num nível de intimidade muito grande, e isso tem que ser com um certo respeito, não dá pra você olhar com crítica necessariamente. Não que você não tenha que impor limites às vezes, mas você vê que existem jeitos diferentes de viver e que não tem certo ou errado. Pra mim, viajar fez isso se expandir.”

Comecei fazendo casas, e a gente detalha muito, vai até a última consequência, então aprendi o ofício numa escala menor. Quer dizer, fiz loja, fiz casa, que aparentemente são coisas menos complexas, mas que têm toda essa questão de ter uma pessoa por trás e isso cria uma complexidade. A linguagem vai mudando, não queremos fazer as mesmas coisas, temos que prototipar coisas que nunca fizemos, então tem isso de você se atirar às vezes em algo que não tem 100% de certeza de que vai dar certo. Mas fomos construindo toda essa cultura de como fazemos os nossos projetos, de como a gente constrói, como a gente detalha, dentro desse universo um pouco mais “protegido”. De repente, começamos a trabalhar fora com questões completamente diferentes, tanto culturais quanto construtivas. Tem uma característica brasileira de ter certa flexibilidade, de sempre achar que você tem algo pra aprender, você para e escuta o que os outros estão falando. Começamos em projetos que não necessariamente deram certo, com pessoas que não eram tão visionárias e de pouquinho em pouquinho, criando essa cultura de como fazer projeto fora, do que é importante, de como a gente salvaguardava as questões de arquitetura que são mais importantes pra nós, o que era difícil e o que não era, de encontrar em cada lugar como podemos nos relacionar com o que está acontecendo. Nós temos uma situação superprivilegiada no Brasil: temos fornecedores que são muito bons. Um dos grandes preconceitos que caíram pra mim é que aqui não se constrói bem. O Brasil é um dos melhores lugares para se construir, pois tem uma mão de obra artesanal e muito, muito boa, o que não necessariamente acontece em outros

lugares do mundo. E isso de entender o que a gente fazia do detalhe da porta, da borracha, o pivô que vai na porta, também tivemos que abrir a nossa cabeça em termos de especificação e dar conta de um monte de outras questões que não eram só arquitetura, mas também explicar pras pessoas como fazíamos aquilo. Fomos construindo um vocabulário técnico bem mais elaborado, pois não tínhamos os nossos fornecedores de sempre ao nosso lado. Não é fácil, tem um trabalho meio de formiguinha, de ir criando esse colchão pra que eventualmente tudo aconteça com a mesma qualidade e o mesmo controle que a gente tem aqui. Essa é a grande questão: como que, de longe, vamos ter controle? E esse também é um dos preconceitos que caíram com a pandemia. Antes da pandemia, eu já fazia reunião de um projeto nas Maldivas com um cliente de Singapura, que tinha 11 horas de diferença. Sempre tivemos uma necessidade de controle muito grande para garantir o que queríamos, por outro lado, tivemos que ir descobrindo como nos comunicar com essas pessoas. A linguagem do desenho é universal, então muitas vezes você pode não entender o que a pessoa tá falando, mas, quando você desenha, todo mundo entende. Particularmente eu acho isso tudo uma delícia, dá um friozinho na barriga. No começo eu viajava com o Marcio, depois comecei a ir sozinha e de repente você está em Dubai, depois pegando um avião pra Singapura, no outro dia em um workshop em Beirut. Eu nunca tinha viajado tanto sem despachar a bagagem, me senti muito do mundo. Eu tô indo pra Beirut e tô levando uma mala de mão (risos). Tem coisas que você aprende e é isso que me move: aprender. É muito gostoso.

LR: A arquitetura tem uma grande complexidade, são muitas camadas a serem resolvidas. As soluções não são rápidas, tudo leva tempo, do início até a entrega final da obra. E nesse tempo o relacionamento com o cliente tem que funcionar.

RF: A gente tem uma coisa meio guerreira de querer que as coisas deem certo, talvez seja até meio ingênuo, mas acreditamos que as coisas sempre podem dar certo. E tem coisas que não dão, nem tudo dá certo de fato, mas pelo menos temos a sensação de que tentamos, de que fizemos a nossa parte. O Marcio fala muito isso, que o sucesso de um projeto está relacionado tanto com a equipe que vai construir quanto com a equipe que vai projetar junto com a gente e, principalmente, com o cliente.

“Sem o cliente ajudar, tiramos um 6 ou 7, mas 10 a gente só tira quando tem um bom cliente por trás. Isso que faz a diferença quando projetos dão mais certo do que outros e nesse sentido o projeto da Kopstein, em Porto Alegre, vem sendo uma oportunidade muito boa, porque é uma porta que tá muito bem aberta na cidade, e não poderia ser com um cliente melhor.”

LR: Qual aspecto da arquitetura do Iaras te dá mais orgulho?

RF: A sala é sensacional. Tem uma estrutura muito sofisticada, que não tem viga, então conseguimos manter uma proporção entre os andares superajustada, que foi muito pouco alterada. A altura do prédio praticamente não mudou do anteprojeto pro projeto executivo; isso envolve muito trabalho e investimento na estrutura. A ideia de ter os caixilhos do piso ao teto, a quina de vidro que se abre e a vista emoldurada pelas lajes com certeza é um dos pontos mais fortes do projeto, e essa emoção é uma questão de proporção.

“O fato de termos conseguido segurar a proporção do prédio, mantido essas linhas horizontais, me dá a certeza de que, quando a pessoa entrar na sala, vai ver a vista emoldurada. Eu acho que essa é uma emoção que muitas pessoas não vão nem entender, mas que elas vão ter.”

Por trás disso, tem um esforço, tem uma luta ali, tanto com o calculista quanto com o próprio cliente em investir num caixilho — vamos usar um minimalista para ter menos peso e justamente diluir mais essa diferença dentro e fora. Na hora em que aquelas portas estiverem abertas, essa sala emendada na varanda, vai ser incrível. O quarto do casal também é maravilhoso na quina de vidro, porque também é uma situação difícil de você ter em um prédio, vai remeter muito a uma sensação de casa. E também tem o muxarabi que protege os quartos. Sempre trabalhamos com essa questão do filtro de luz, de como deixamos essa luz entrar sem perder a privacidade, como você percebe a passagem do dia pela sombra que vai se projetar, isso é uma coisa que vai ser bonita e diferente da sala. A sala eu acho que está mais franca, mais potente. O quarto você pode fechar e se sentir mais protegido, mas tem uma coisa de você não estar totalmente isolado do que tá acontecendo fora que é legal.

LR: Essa é uma característica das casas que vocês projetam, é interessante ver isso em um edifício.

RF: É, isso vai ser muito gostoso do prédio. E tem toda uma área lá embaixo em que tivemos uma primeira parceria com a Susana Nedel (paisagista). Eu adorei trabalhar com ela. Tem isso de ser dentro e fora, então dependemos um pouco do cenário externo. A Susana foi muito delicada, entendeu a arquitetura, ela entende e tem sensibilidade. Não foi um desenvolvimento difícil, quando ela trouxe o primeiro projeto, já ficamos felizes. A Susana é pura emoção. O paisagismo não pode ser uma coisa muito controlada, e ela foi conseguindo criar panos de fundo que não estão limitados ao prédio, ela expandiu isso ao muro e ficou muito bom. Nós já tínhamos sugerido o espelho-d’água no hall e quando a Susana trouxe o do acesso interno ficamos na dúvida em ter dois, mas ficou tão bonito que resolvemos manter, a composição funcionou.

LR: O elemento água é bem presente no projeto, o que é interessante porque cria outras perspectivas através dos reflexos.

RF: Exato, você vê essa brisa na hora em que passa. Tem algo de introspecção que a água traz. Vai ficar incrível.

LR: Vocês têm uma preocupação com o todo, trabalham o arquitetônico e os interiores como uma coisa só e isso faz toda a diferença na integração e na estética dos projetos.

RF: Eu acho essencial, a gente não consegue dissociar uma coisa da outra. Antes fazíamos os interiores quase junto com o projeto de arquitetura, porque a equipe era muito menor.

“Quando comecei aqui eu atendia o cliente e sabia como ele dobrava a camiseta, desenhava a gaveta pra ele. Do jeito que a gente acredita, não tem uma linha entre uma coisa e outra, é até difícil separar o escopo aqui dentro entre o departamento de arquitetura e interiores.”

Separamos de um jeito diferente, principalmente porque essa relação entre o exterior e o interior é tão forte que não tem como você pensar em um acabamento interno sem pensar no externo. Começa pelos acabamentos e depois não tem como você projetar o jeito de uma pessoa viver se você não sabe qual o layout da sala, quantas pessoas ela vai receber. Tem mil coisas que precisamos saber para questões básicas como: onde eu coloco a tomada? Eu preciso saber qual o layout pra colocar no lugar certo. Como eu projeto a luz? Não tem como separar a luz que vai estar dentro da casa com a luz que vai estar fora. Tudo bem, a do jardim é um pouco separada, mas quantas vezes temos a mesma parede que está na sala e sai pela varanda e tem um programa ali que não faz sentido você iluminar uma coisa sem iluminar a outra? Não conseguimos enxergar diferente, não conseguimos fazer diferente. Dentro do escritório, hoje em dia, a gente sofisticou isso. Hoje temos uma equipe dedicada aos interiores, levando a um nível de detalhamento e sofisticação muito maior do que uma equipe de arquitetura pode fazer, pois tá olhando outras coisas. A equipe de arquitetura muitas vezes está preocupada com outras questões que são mais relacionadas à casa ficar em pé, à estrutura. Então o nível de sofisticação dos interiores também demanda uma expertise. Pra gente é legal, nas casas, nos projetos corporativos, nos hotéis, nem conseguimos mais fazer separado.

LR: Vocês têm essa paixão pelo modernismo brasileiro e de certa forma vocês fazem uma releitura desse modernismo. Como tu descreve a arquitetura do Iaras?

RF: Pra mim a arquitetura do Iaras é muito franca. Ela é simples até. Na hora em que olhamos a planta e organizamos o programa, naturalmente a sala veio pra frente e o vidro também. Quando criamos a varanda, os elementos horizontais foram se constituindo. E daí essa coisa de você ir separando e escalonando, mas ao mesmo tempo mantendo uma harmonia na fachada. Eu não sei descrever muito bem.

“Primeiro sempre pensamos na planta, olhamos de dentro pra fora. Eu me coloco naquele lugar. Pra mim é um lugar em que eu gostaria de morar, começa daí.”

Eu acho que é uma arquitetura que tem conceitos modernistas fortes, como tem essa relação dos materiais estarem muito claros, então a estrutura de concreto está aparecendo, os pilares estão aparecendo. Tem uma coisa muito explícita de criar o programa que é mais privado, a cozinha que tem um revestimento de fachada mais fechado e a sala que pode ser mais integrada, que é completamente aberta. Ele tem uma organização muito objetiva do que tá pra trás e do que tá pra frente.

A vida social que acontece na frente e a privada atrás. Tem uma organização de programa que pra mim tá bem distribuída e eu espero que as pessoas curtam. Por outro lado, tem essas áreas comuns com uma chegada que é poética, em que você passa pela água na entrada e de repente nesse hall não tem nada a não ser um espelho-d'água e uma escultura linda. Tem uma coisa de emoção. É um pouco minimalista, pois não colocamos nenhum adereço, não tem rodapé, não tem rodadeto, tentamos ter planos de materiais muito claros e contínuos. Tentamos não criar uma sequência de materiais muito elaborada. Pensamos nessa paleta de materiais de um jeito que ela possa se reproduzir tanto na fachada quanto nos interiores. Existe uma conexão do concreto, da estrutura que aparece com o revestimento da madeira e com a esquadria de alumínio, cada um cumprindo o seu papel e ali, claramente, você lê o papel de cada elemento.

LR: Eu percebo que vocês preferem falar muito mais sobre as emoções e o impacto desejado de um projeto do que da arquitetura em si.

RF: Pra mim a grande experiência tem sido esse processo. Como vamos entrar em uma cidade em que nunca construímos e levar uma arquitetura em que acreditamos para pessoas que ainda não conhecemos bem? Então a gente tenta entrar de um jeito delicado. Foi um privilégio ter essa oportunidade de trabalhar com um cliente que é tão sensível a essas questões, porque também é emotivo no sentido de que quer fazer algo que tenha um valor que não seja simplesmente financeiro, mas que também tenha um valor subjetivo por trás, de felicidade, das pessoas estarem bem lá dentro, estarem felizes, gostarem, valorizarem, entenderem, darem a importância que a gente tá dando pra aquilo. Eu acho que esse é o sucesso do projeto. Do mesmo jeito que damos muita importância pro que fazemos e temos uma dedicação muito grande, foi proporcionado pra gente trabalhar com uma equipe que se junta conosco nesses valores, capitaneado pelo cliente. É um trabalho que me dá muito prazer.

“É claro que eu acho bonito, é claro que eventualmente tem coisas que temos que adaptar, mas eu acho que conseguimos criar um apartamento que vai ser muito gostoso de morar, que vai ser muito bem construído, que tem uma qualidade não só subjetiva, mas também objetiva. Tem um investimento grande feito. Espero que as pessoas curtam e que quem for morar lá seja muito feliz.”

Diana Radomysler, diretora de interiores, e Pedro Ribeiro, gerente de projetos e arquiteto de interiores.

Diana Radomysler: Na verdade eu fui pra arquitetura sem ter muita noção do que era arquitetura. Eu gostava de desenhar, gostava de matemática e achei que a única faculdade que poderia gerar algum interesse pra mim era arquitetura.

Eu sempre gostei, desde pequena, de passear com os meus pais pela cidade. Sou filha única, meus pais são estrangeiros. Eu sou a primeira geração de brasileiros da família. Eles iam pro centro da cidade comigo contar um pouco da história, ver os prédios que pareciam um pouco com os da cidade onde eles moravam, de onde vieram. Eu tinha uma ligação com a cidade, uma ligação com os prédios, era parte do jeito que os meus pais contavam a história deles pra mim. Então eu acho que o interesse pela cidade veio daí. Tive um início de carreira bem conturbado, eu estava na faculdade e assim que me formei meu pai ficou muito doente. Como sou filha única, de repente me vi numa metalúrgica, em Itaquera, com pessoas dizendo que não recebiam ordens de uma menina.



Lucas Rachewsky: Diana e Pedro, vocês formam o núcleo de interiores do Studio MK27. Contem um pouco da história de vocês na arquitetura.

Tive que parar a arquitetura naquele momento e tentar salvar meu pai e a metalúrgica dele, coisas que eu não entendia nada, nem de uma, nem de outra, então foram anos difíceis. O meu marido conheceu amigos do Marcio que alugavam uma casa todo final de ano na Praia Vermelha. Eles nos convidaram pra ir lá e assim conheci essa turma, entre eles o Marcio. Nós tivemos uma ligação imediata, foi uma amizade que ficou muito forte entre as famílias. Eu sou muito mais nova do que o Marcio (risos) e os meus filhos são muito menores do que o dele; o Gabriel passava a noite cuidando dos meus filhos. Foi uma sinergia de amizade mesmo. Ele virou pra mim e falou: “Você é um desperdício. Não quer voltar pra arquitetura?”. Tudo o que eu queria era voltar pra arquitetura, porque eu odiava o que estava fazendo. Através do escritório voltei pra cá, estava tendo o meu terceiro filho; desmamei ele com 6 meses o mais rapidamente possível e vim trabalhar aqui. Aqui é a minha escola, é onde aprendi tudo, onde me formei e, depois de 27 anos, já tenho aquela plaquinha de imobilizado da firma, sabe? Já faço parte do mobiliário (risos).

LR: Achei bonita a origem da tua relação com a cidade vir da história dos teus pais e fiquei curioso: de onde eles vieram?

DR: O meu pai era da Bélgica e a minha mãe se dizia austríaca, mas na verdade ela era romena. Ela assumiu a invasão austro-húngara com muito orgulho, se dizia austríaca.

LR: O tema origem me interessa muito, de onde vieram as nossas famílias e o quanto essa origem e cultura influenciam quem somos. Conversei com o Marcio e o Kopstein sobre isso também. Eu acho que sei muito pouco sobre a minha, menos do que deveria.

DR: Com certeza, eu tenho isso também. Meus pais morreram, eu sou filha única, a minha mãe era filha única e eu não tenho pra quem perguntar. Fico pensando: como não perguntei tudo isso antes?

Como não fui atrás dessa história pra saber quem eu sou, de onde eu venho, qual é essa história? Então eu sei muito pouco e o que sei, não tenho certeza o quanto eu inventei, isso é estranho pra mim.

Pedro Ribeiro: Eu sou português, sempre quis arquitetura; nunca foi algo que tive outra opção, isso sempre foi muito claro. Em determinado momento, os meus pais me deram um livro do Gaudí, pra mim aquilo era arquitetura. Passou um tempo e eles me deram um livro do Niemeyer e gostei ainda mais. A partir daí foi uma carreira normal, da escola de artes fui pra escola de arquitetura, cada vez com maior empenho. Trabalhei em vários escritórios lá até que um dia tive uma visão, um chamado qualquer pro Brasil, um país que eu nem gostava, não conhecia, tinha preconceito até. Eu vim, por uma coincidência das coincidências decidi sair do escritório e passada uma semana eu já estava aqui em São Paulo na entrevista de emprego; foi uma coisa muito rápida. Eu passei por outros escritórios antes, mas aqui me acolheram de um jeito e fizeram eu me desenvolver de uma outra maneira. Eu era bastante tímido, muito mais do que sou agora, então foi uma evolução muito grande aqui, me nutriram de um jeito que eu cresci uma outra pessoa.

DR: Olha que bonitinho.

PR: Então essa relação foi muito gratificante, cada ano que passa eu me sinto mais à vontade. Havia coisas que eu não dizia, que eu tinha vergonha, e, no primeiro dia que vim, a Mariana Simas fez a minha entrevista e disse: “Pedro, a vaga que temos é de interiores” (coisa que eu nunca tinha trabalhado), “mas, se a Diana perguntar, diz que você gosta muito de interiores e é interiores que você quer fazer”. Eu disse: Interiores será.

DR: Ela falou isso (risos)?

PR: Por 8 anos eu guardei esse segredo (risos). Eu nunca tinha trabalhado e achei bom pra minha formação. Aqui tem uma coisa que na Europa não existe muito, os outros arquitetos com quem eu trabalhei eram sempre branco, branco, branco, esculpido na mesma massa, monomassa, monomaterial, monocor. E aqui no Brasil, especialmente no Marcio, há esse cuidado com os interiores, a mistura da textura, das cores, dos materiais, da luz, o mobiliário brasileiro, que é riquíssimo. Então achei que era uma boa escola. Hoje em dia não penso em voltar. Aqui tenho contato com mais clientes, consigo estar presente em mais projetos, pois a minha participação é mais curta e tardia. O projeto já está em andamento, tem menos chances de ser cancelado, então eu tenho contato com uma variedade maior de clientes e colegas.

DR: Sabe por que eu contratei o Pedro? Porque ele riu de uma piada minha. Como ele tinha senso de humor, eu achei que todo o resto a gente daria um jeito. Nosso senso de humor é parecido.

PR: É um humor meio crítico, uma coisa assim meio ácida e não convencional.

DR: A gente não faz muitos amigos com o nosso senso de humor (risos).

PR: Mas as pessoas gostam de nós de algum jeito (risos).

LR: Um projeto arquitetônico é um casamento entre arquiteto e cliente, precisa ter identificação e respeito pra funcionar, é um processo complexo de muitos anos e com muitas variáveis. Como vocês filtram os projetos do escritório?

DR: Nós temos um setor comercial que faz esse primeiro contato com o cliente e avalia se nós realmente somos pro cliente e se o cliente é pra gente. Mas é um casamento sem namoro, até brincamos outro dia que deveríamos passar um mês juntos antes de aceitar um projeto. A gente brinca aqui que consegue chegar até a nota 7, o cliente leva pra 9 ou leva pra 4. Tem consequências ótimas e consequências muito ruins. O Pedro Kopstein é um que sobe a nossa nota, mas tem gente que não, e você só percebe isso depois. Agora, quando flui, é uma delícia, mas não dá pra saber antes. Na primeira conversa, tá todo mundo tentando seduzir o outro. Tanto o cliente quer nos seduzir pra fazer o projeto dele quanto nós queremos. Já nos sentimos lisonjeados de ele vir nos procurar, ele já tá reverenciando o trabalho que a gente faz, então nesse momento tá tudo lindo; é depois que começam os problemas, como um casamento.



LR: Diana, antes da tua entrada no Studio, existia um departamento específico de interiores?

DR: O Marcio não existia antes da minha entrada (risos). Quando eu entrei aqui, tinha o Marcio e duas pessoas. Eram dois arquitetos e ele. O Marcio almoçava atrás do computador, ele não falava com ninguém, era todo quietinho, supertímido. Foram dois que mudaram muito ao longo dos anos: esse aqui tinha uma nuvenzinha preta que se desanuviou e o outro que saiu de trás do computador. O escritório dobrou quando eu entrei, ele contratou duas meninas ao mesmo tempo, no mesmo dia. Nós éramos quatro, não era nada. Nós trabalhávamos de uma forma muito diferente, cada um tinha os seus projetos, cuidava do início ao fim, até que, em um determinado momento, percebemos que estávamos fazendo um trabalho extra de graça, que era essa parte dos interiores. Não era completo, mas sempre desenhamos todo o mobiliário fixo, era algo que vinha com o projeto. Eu percebi e falei pro Marcio: Não tem ninguém que entende melhor os nossos espaços do que a gente, é um erro não fazer isso completo, não ter esse produto como um todo. A partir daí eu saí da arquitetura propriamente dita e criei toda uma equipe. Acho que há uns 10 ou 12 anos a gente vem fazendo isso. Eu quis dar essa mesma qualidade que tínhamos na arquitetura, com arquitetos desse mesmo nível de expertise, pros interiores. Hoje nós temos uma equipe muito coesa, muito afinada.

LR: E vocês são obsessivos com detalhamento.

DR: Somos todos obsessivos aqui.



PR: É, eu acho que esse resultado final, essa magia, só se dá com esse rigor de detalhe, com esse controle total, só funciona assim. Não é só a proporção, só o acabamento, são coisas ínfimas que muita gente não vê, mas ao olhar o todo você sente uma emoção.

LR: Eu gosto de pensar que são interiores que impactam por essa aparente simplicidade. Aos poucos vamos descobrindo os detalhes, tem uma questão de passagem do tempo.

PR: Nós temos um vocabulário, uma linguagem que é copiável, mas são muitos fatores em um só espaço que fica difícil reproduzir. A marcenaria até pode ser parecida, talvez a cadeira seja a mesma, mas o todo, a proporção do espaço, o comprimento, o caixilho, os acabamentos, já não é tangível, é mais difícil.

LR: Qual foi o ponto de partida dos interiores do Iaras? Existiu briefing específico ou criaram com mais liberdade?

DR: O Pedro Kopstein tem uma coisa generosa com os arquitetos, ele adora arquitetura, tem um respeito enorme. Ele não te passa um briefing, ele deixa você voar.

PR: Quando a gente entra no projeto, ele já está em andamento, a equipe nos mostra o produto em desenvolvimento e temos que dar os nossos inputs, nós respondemos àquilo que já está: a proporção, algum material que já foi decidido. O nosso projeto é sempre uma resposta àquilo que está sendo feito. Não tínhamos um briefing do cliente ou da equipe de arquitetura, o que é muito bom, nós temos autonomia. Tínhamos que

bolar alguma coisa especial. O espaço do lobby era um dos mais interessantes, aquele em que poderíamos criar alguma emoção. A solução tradicional seria algum espaço para sentar, um sofá e uma mesa, que é o que se vê normalmente. É algo que tem um uso muito pequeno ou nulo nesses espaços, então pensamos em usar aquele vazio como a emoção do lugar. Acho que isso foi uma das primeiras coisas e criamos uma série de opções.

DR: O que a gente quis foi ajudar nesse legado que o Pedro tá tentando fazer no Sul. Ele realmente quer contribuir para que a arquitetura volte a se juntar ao mercado imobiliário e transformar isso na qualidade que tinha nos anos 50 e 60 com a imigração. Quem leu "São Paulo nas Alturas" conhece bem essa história. E nesse legado, uma das coisas mais importantes desse período é a junção da arte com a arquitetura. Todos os prédios tinham ou um painel, ou um mural, ou uma escultura. Tinha uma comunhão entre arte e arquitetura e a gente quis trazer isso pra esse projeto, pra esse legado que o Pedro quer deixar lá. Como ele não quis uma escultura muito moderna, que nós demos opções também, quis uma mais clássica, nós saímos em busca. Passamos por algumas, até que encontramos.

PR: Fomos visitar uma loja perdida, no meio de um galpão feio, cheio de plástico, e ela tava ali, já com um brilho, parecia a escolhida, a certa para aquele lugar. Só quisemos dar um palco pra essa escultura que é esse plano de água, esse plano de pedra, um mármore vivo, para ela ganhar ainda mais destaque. O hall é completamente vazio e o único elemento é a estátua com a devida iluminação, bem sutil.

DR: Esse espelho-d'água, que remete ao Palácio da Alvorada, onde a grande escultura está. Realmente remete, é uma memória, uma homenagem ao que Niemeyer fez com o Ceschiatti e agora estamos fazendo com a Kopstein.

PR: Em paralelo, a Susana, paisagista, estava fazendo um projeto que ainda não tínhamos visto. Quando vimos, achamos muito bonito, nós fizemos um lago ortogonal, uma coisa construída, e ela fez na parte externa contígua ao espaço um lago, uma curva de água. Achamos lindo esse diálogo entre o orgânico, o natural e o construído pelo homem. Foi ao acaso e o resultado foi muito bonito.

DR: A água é um elemento forte e essa sensação de você estar entrando quase que em um museu, em um espaço que você faz uma reverência, tem o silêncio, tem a água e tem essa luzinha que ilumina “As Iaras”, eu acho que é muito poético.

LR: Quando falamos em modernismo, muita gente se assusta em relação à frieza, mas a arquitetura de vocês é muito quente, aconchegante. Isso está diretamente ligado à materialidade e aos mobiliários. Como vocês pensam nessas intenções e contrastes?

DR: Eu acredito que sim. O escritório teve um período em que só fazíamos casas brancas e a brincadeira era com texturas, eram diferentes texturas, mas era sempre branco. Na verdade foi um cliente que fez a gente sair desse lugar que já conhecíamos; ele queria muito usar uma pedra natural e essa casa foi um turning point.

Ela tinha uma parede de madeira natural, sem ser pintada de branco, e uma parede de pedra. Teve essa casa e ao mesmo tempo uma outra que foi construída um pouquinho depois, que em princípio seria toda branca, mas na hora em que construíram e os tijolos estavam lá ficou tão gostoso. A partir disso começamos a usar os materiais como eles eram mesmo, a verdade do material, o tijolo, a madeira, a pedra começaram a ser incorporados no projeto e percebemos que ali estava a verdade das coisas, era onde começava a ficar com alma mesmo. O projeto tem uma outra alma quando você tem o elemento como ele é. E acho que uma coisa que todo mundo diz das nossas casas é que essa perfeição das linhas não as torna frias, que nossos projetos são aconchegantes, que eles abraçam realmente. As casas, os prédios e os escritórios têm um calor mesmo que é da materialidade que é feita pra isso. A ideia é essa, a gente não tá criando uma escultura, estamos fazendo um lugar para se viver bem, para se trabalhar bem.

LR: O Iaras tem também grandes aberturas, muita entrada de luz natural, uma forte relação entre exterior e interior. Como vocês percebem o fluxo do projeto?

DR: O que o prédio tem de interessante é que ele se abre pra vista numa transparência. Ele é totalmente transparente para onde tem a vista e ele tem uma película de privacidade na parte de trás, onde é a vida privada mesmo. Ele parece dois “Us”: um deles é essa permeabilidade com a vista e a natureza, e o outro tem o acolhimento, onde você se recolhe. Mas eu acho que o grande “tchan” é o nosso hall (risos).



PR: Sem dúvida (risos). Os outros espaços são igualmente importantes, mas o hall não tem uma função tão específica a não ser criar esse ícone, esse momento importante do projeto. Todo o resto foi cuidado com o mesmo carinho — o salão de festas, a parte externa, a piscina, a brinquedoteca —, mas o hall realmente foi o momento de brilhar.

DR: É a alma, não é? Eu acho que a alma do projeto é esse hall, e tem esse percurso até chegar nele. Uma outra coisa que eu acho engraçada nesse prédio é que ele é todo feito em função de churrasqueira, o que pra nós em São Paulo não é tão comum. A base do projeto é onde vamos colocar a churrasqueira. Tem o salão em que também o mais importante era ter a churrasqueira, tivemos que aprender muito sobre churrasqueiras. Quero ser convidada agora.

LR: E a planta dos apartamentos? A Renata enfatizou bastante o impacto da sala que se abre pra vista. E vocês, o que acham?

DR: É uma planta muito bem resolvida, todos os espaços são bons. Óbvio que a sala que se abre pra esse infinito da vista é espetacular, pois o espaço dela não se restringe ao prédio, então realmente a sensação é outra. Isso é uma coisa que a gente preza muito aqui: a qualidade do espaço, independentemente do tamanho. Tem que ter qualidade, se não tiver qualidade, a gente não faz. Todos os espaços ali, mesmo os que são o mínimo necessário, têm uma qualidade de vida boa. É um projeto redondinho pro espaço que tínhamos, bem redondinho.

PR: Eu acho que a planta é muito clara, as partes sociais de cozinha e sala se viram pra vista, pra extensão dessa varanda, os espaços ganham esse extra da varanda que está imediatamente à frente. Para trás a divisão dos dormitórios, eles são mais privados, o muxarabi cobre integralmente essa fachada. Tem essa dualidade entre o espaço social e os espaços de dormir. Pra mim, quando eu olho a planta hoje, ela é muito, muito clara, parece que, cada centímetro, tudo tá na proporção certa.

DR: Nosso medo é alguém pôr a mão ali que não seja a gente, né, Pedro?

PR: Nos interiores privativos, sim, e vai ser, né?

DR: Isso vai ser duro. Quando a gente dá o filho pra adoção é um drama.

LR: Tudo que a gente cria vem de alguma influência. As pessoas que têm um trabalho mais interessante, pra mim, são aquelas com a capacidade de trazer inspiração de diversas fontes fora do seu ofício específico. O que inspira vocês além da arquitetura?

DR: Não é o Niemeyer que fala que o importante não é a arquitetura, é a vida? Eu acho que a vida é mais importante que a arquitetura, então definitivamente o ser curioso na vida é o que me emociona, é estar atento. Eu não passo por um lugar, eu não passo por nada, na minha vida, sem prestar atenção e tirar alguma coisa disso. A minha inspiração tá no prazer de viver as coisas que estão em volta. Eu sou uma pessoa curiosa, tô sempre atenta ao que tá acontecendo, por onde eu tô passando, o que as pessoas estão sentindo, o que eu tô vendo. Eu tenho duzentos milhões de interesses, tudo me interessa, eu não sei dizer o que não me interessa. Da comida à arte, cinema, música, roupa, gente. Gente menos, né, Pedro? (risos)

PR: Gente menos (risos). É, eu também tenho esse sentido de curiosidade. Acho que vejo até em demasia, vejo até demais os defeitos, por vezes isso me cansa, porque por vezes não vejo as coisas bonitas, vejo as coisas que estão mal.

DR: É o lado português (risos).

PR: É esse lado que é bom, pois eu acho que tô na função certa de ver incansavelmente onde dá para melhorar.

“Mas acho que a arte, as exposições, as pinturas e as esculturas, não há um momento em que eu não guarde uma ideia pra usar em uma marcenaria, pra usar em uma combinação de materiais em um projeto.”

Então eu não paro, não há um segundo em que eu não tente tirar alguma coisa pra usar em um projeto. A minha maior inspiração acaba por ser, aqui no escritório, o Marcio e a Diana. Há uns anos eu desenhava uma mesa e eles diziam “Estica mais um pouco, põe mais trinta centímetros pra essa proporção”, e isso vai nos moldando. Hoje em dia eu já olho pra uma coisa curta e digo: Não, faltam trinta centímetros. E quando o Marcio dizia, nunca tá bom, é sempre mais um pouquinho, o tapete mais cinco centímetros, e hoje me tornei parecido.

DR: Um chato igual (risos).

PR: Igual (risos). A casa constrói-se à volta de um tapete, por vezes o interior vai ditando o que está fora, porque é importante pra ele. Ele é incansável e isso passou para nós.

DR: Nossa, o Marcio é incansável.

PR: Exigente, persistente, e nós somos braços, pernas e tudo mais pra fazer a visão dele contra tudo e todos, acreditando que vai ser melhor e diariamente vemos que ele tá certo.

DR: Ele não para nunca. Às vezes a gente fala: Não mostra mais pro Marcio (risos). Porque ele não para, ele sempre acha mais um lugarzinho pra melhorar, não tem fim.

LR: Uma vez perguntaram pro cineasta Jem Cohen quando ele acha que um filme tá pronto. Ele diz que nunca, e é por isso que ele faz o próximo, sempre tentando terminar o que ele começou. Vou fazer a mesma pergunta pra vocês: quando acham que um projeto tá realmente pronto?

DR: Nunca.

PR: Tem um momento em que eu preciso abandonar o projeto (risos).

DR: Eu sofro, eu fico sofrendo ainda. Pra mim os projetos são muito filhos. Eu tenho uma coisa meio passional. O Marcio às vezes briga comigo, não é pessoal, mas pra mim é pessoal, tudo é pessoal. Eu preciso achar uma brecha e me apaixonar. Eu sou assim, o meu primeiro namorado ainda é o meu namorado, então fica difícil isso (risos). Tem uma certa dificuldade de passar pro próximo. Eu passo pro próximo, mas eu fico mantendo todos os outros, é bem difícil.

P O R T F Ó L I O

STUDIO MK27



Edifício Vertical Itaim

São Paulo - Brasil

PROJETO 2011

CONCLUSÃO 2014

Arquitetura: Studio MK27

Autor: Marcio Kogan

Coautora: Carolina Castroviejo

Equipe de Projeto: Carlos Costa, Fabiana Stucchi, Fernanda Palmieri, Laura Guedes, Mariana Simas, Oswaldo Pessano



“Vertical Itaim é um edifício urbano contemporâneo, de apenas 13 andares que, tanto pelo uso dos materiais como pelas soluções arquitetônicas de planta e fachada, cria uma arquitetura versátil e dinâmica, confortável e funcional pros moradores, com grande integração de espaços e com o exterior.”

– Marcio Kogan

Casa Rampa

São Paulo - Brasil

PROJETO 2011

CONCLUSÃO 2015

Arquitetura: Studio MK27

Autor: Marcio Kogan

Coautora: Renata Furlanetto

Interiores: Diana Radomysler

Equipe de Projeto: Carlos Costa, Eduardo Glycerio, Eline Ostyn, Fernanda Neiva, Laura Guedes, Mariana Ruzante, Mariana Simas



“O projeto da Casa Rampa privilegiou a continuidade espacial entre interior e exterior, o uso preciso de materiais naturais e brutos e, sobretudo, a possibilidade de expor de forma delicada a belíssima coleção de arte como verdadeiros elementos arquitetônicos para organização dos percursos.”

– Marcio Kogan

Caledonian Somosaguas

Madri - Espanha

PROJETO 2011

CONCLUSÃO 2017

Arquitetura: Studio MK27

Autor: Marcio Kogan

Coautora: Suzana Glogowski

Arquitetura Local/Engenheiros: Caledonian,
Henrique Lopez Granado

Equipe de Projeto: Carlos Costa, Elisa Friedmann,
Giovanni Meirelles, Laura Guedes, Mariana Simas,
Tamara Lichtenstein



“O projeto Somosaguas é um metaprojeto. A ocupação da quadra urbana de uma forma permeável pros pedestres pode ser replicada em qualquer lote urbano e em qualquer cidade. Cada quadra poderia abrigar diferentes equipamentos de uso comum. O projeto pretende potencializar as formas de vida em coletividade na cidade.”

– Marcio Kogan

Edifício FM10

Barcelona - Espanha

PROJETO 2012

CONCLUSÃO 2017

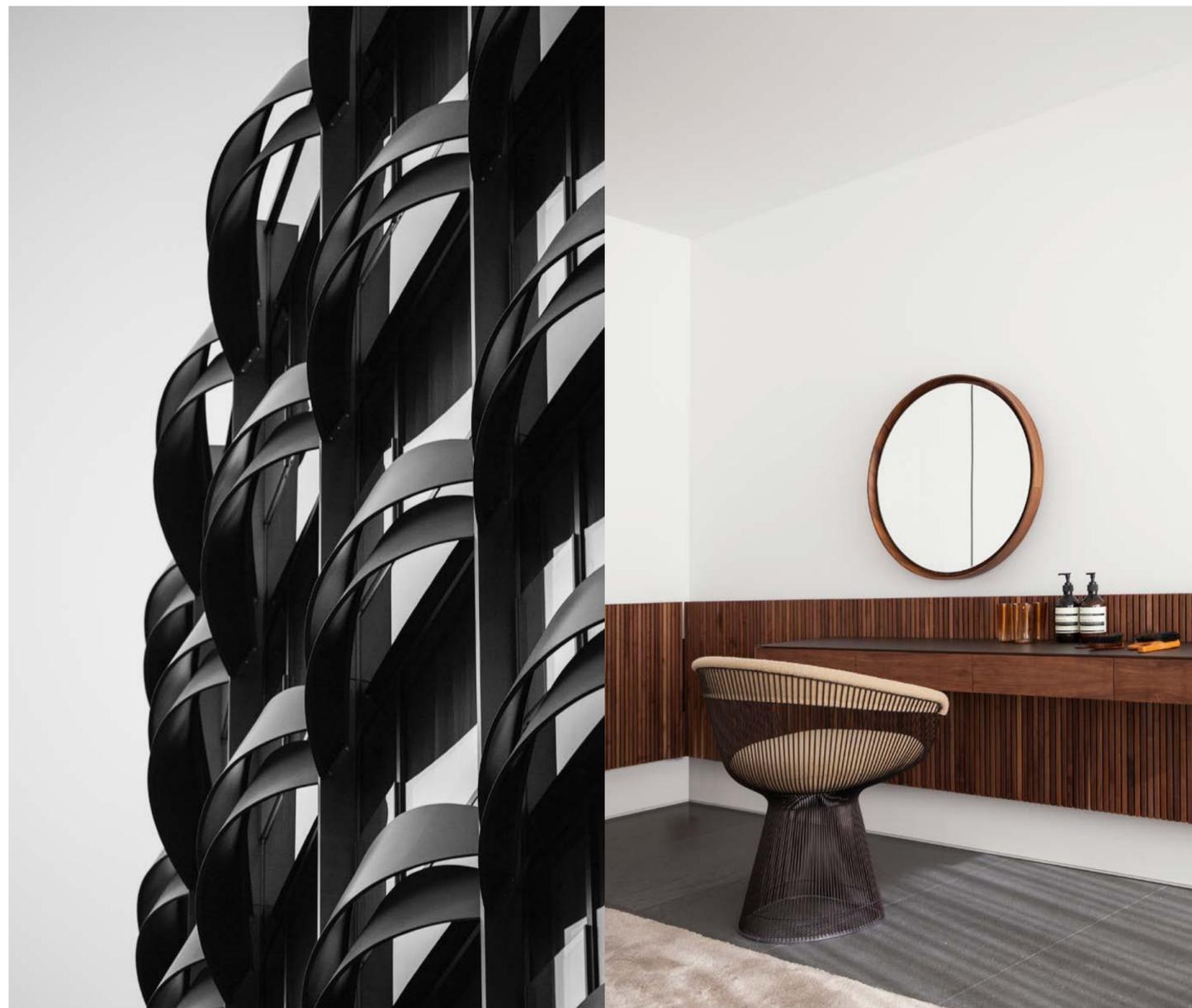
Arquitetura: Studio MK27

Autor: Marcio Kogan

Coautores: Beatriz Meyer, Diana Radomysler,
Suzana Glogowski, Pedro Ribeiro

Arquitetos Locais: Ricard Mercadé e Aurora
Fernandez Arquitectes

Equipe de Projeto: Carlos Costa, Eduardo Gurian,
Laura Guedes, Mariana Simas, Samanta Cafardo,
Tamara Lichtenstein



“O Studio MK27 foi o vencedor do concurso fechado para transformar o interior do edifício comercial já existente em um edifício residencial de alto padrão. O edifício é um ponto marcante na cidade. Contrariando a implantação padrão de edifícios ao redor de rotatórias com curvatura paralela, o Francesc Macià 10, ou FM10, projeta-se de forma convexa pra cidade. É um edifício valente.”

– Marcio Kogan

Casa Sentosa

Singapura - Malásia

PROJETO 2017

CONCLUSÃO 2020

Arquitetura e Interiores: Studio MK27
 Autores: Marcio Kogan, Diana Radomysler
 Coautor: Pedro Ribeiro
 Equipe de Projeto: Carlos Costa, Laura Guedes,
 Leticia Amado, Mariana Simas, Nathalia Lima,
 Oswaldo Pessano



“O projeto de design de interiores da Casa Sentosa procurou equilibrar a materialidade e as proporções de uma casa existente, intervindo cirurgicamente em cada canto. Como de costume nos projetos do Studio MK27, a decoração é uma mistura de peças contemporâneas e vintage.”

– Marcio Kogan

Patina Maldives

Maldivas

PROJETO 2016

CONCLUSÃO 2021

Arquitetura: Studio MK27

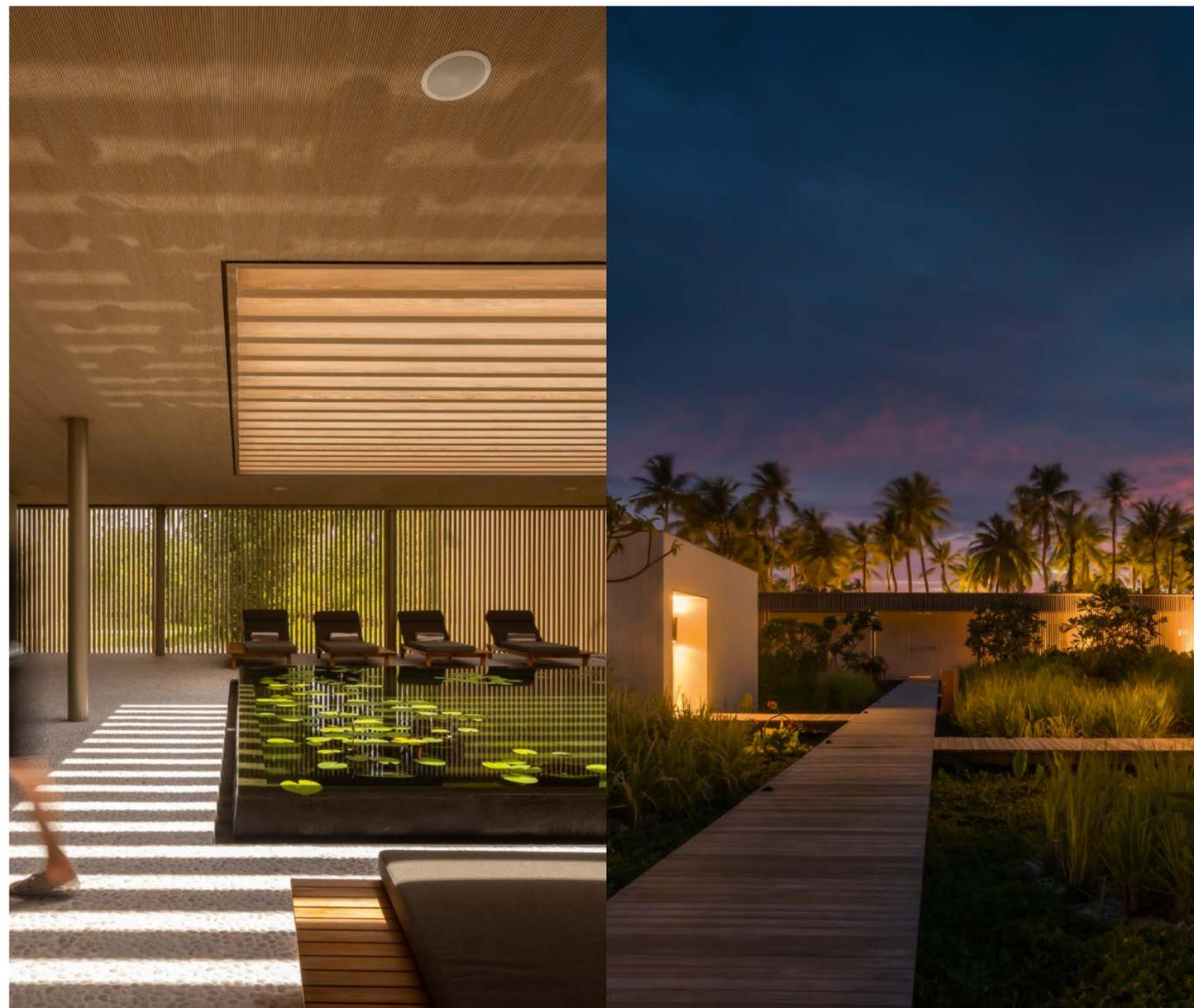
Autor: Marcio Kogan

Coautora: Renata Furlanetto

Interiores: Diana Radomysler

Coautor de Interiores: Pedro Ribeiro

Equipe de Projeto: André Sumida, Carlos Costa, Carolina Klocker, Diego Solano, Eduardo Glycerio, Elisa Friedmann, Gabriela Chow, Gustavo Ramos, Giovanni Meirelles, Julia Pinheiro, Lair Reis, Laura Guedes, Luciana Antunes, Renato Perigo, Regiane Leão, Renata Scheliga, Ricardo Ariza, Marcio Tanaka, Mariana Ruzante, Mariana Simas, Samanta Cafardo, Suzana Glogowski, Tamara Lichtenstein, Thauan Miquelin



“O hotel nas Maldivas proporcionará um espaço acolhedor para que as pessoas vivam a luz, liberem a criatividade, ampliem sentimentos naturais em um estado de sonho. Um caleidoscópio de atmosferas organizado de maneira ascendente: do privado ao público, do isolamento ao pertencimento, da simplicidade à sofisticação.”

– Marcio Kogan

ATO II
O EDIFÍCIO

I N S P I R A Ç ã O

A R Q U I T E T U R A M O D E R N A

A arquitetura moderna brasileira é fonte de inspiração do Edifício Iaras. O movimento ganhou força a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, fazendo com que um novo estilo de pensar e inovar arquitetonicamente fosse desenvolvido. Uma de suas principais características é a premissa de unir formas simples para construções surpreendentes. O design inovador privilegia funcionalidade e valorização dos ambientes, adaptado à cultura essencialmente brasileira.

O concreto aparente é um dos elementos mais marcantes da arquitetura modernista, imposta por Le Corbusier durante a Revolução Industrial. De rápida execução, fácil manutenção e alta durabilidade, mantém-se até hoje como um dos símbolos do movimento moderno mundial, que pode ser visto na fachada do Edifício Iaras. Assim como o Muxarabi, elemento clássico da arquitetura árabe, trazido ao Brasil durante o período colonial, que é muito utilizado por sua beleza e funcionalidade, pois adapta-se muito bem ao clima brasileiro, gerando conforto térmico e um ambiente intimista.

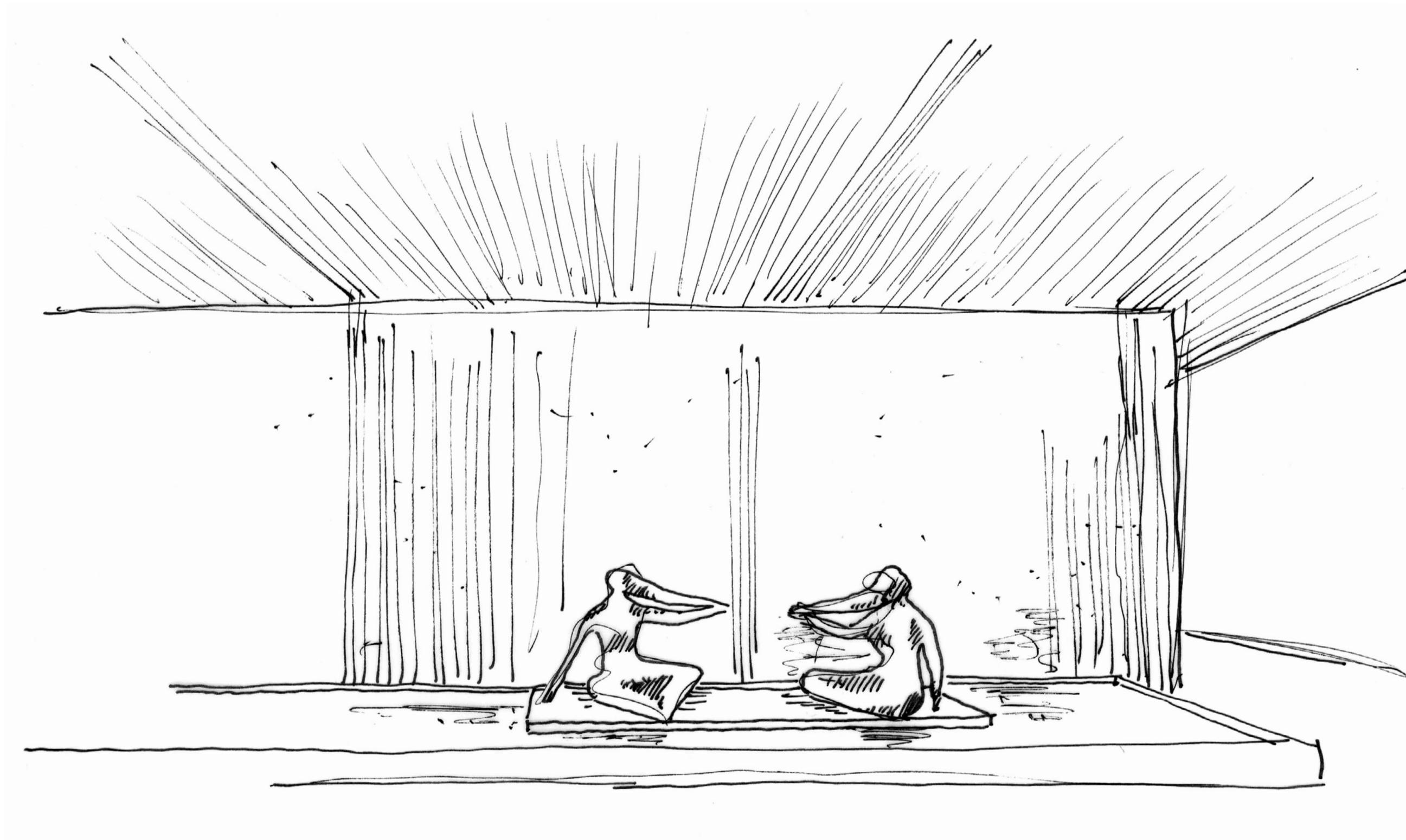


A S I A R A S

A escultura emblemática de Alfredo Ceschiatti, que dá nome ao edifício, está disposta como ponto focal em seu hall. A obra foi escolhida pelo Studio MK27 como uma das simbologias mais claras da arquitetura modernista, que consiste em inserir a arquitetura na arte e a arte na arquitetura.







"A obra selecionada pro edifício da Kopstein, 'As Iaras', tem uma de suas versões sobre o espelho-d'água do Palácio da Alvorada. Em nosso projeto, ela também flutua sobre um plano-d'água, preenchendo o vazio do hall de forma delicada e elegante."

- **Studio MK27**

"Como dois bons amigos, vamos caminhando pela vida. Eu, absorvido pela Arquitetura, inventando formas, brincando com o concreto armado; ele, o nosso Ceschiatti, a fazer suas esculturas. Essas mulheres lindas, barrocas, cheias de curvas, que seu talento cria pro mármore. Como gosto de vê-las!"

- **Oscar Niemeyer, sobre a obra de seu colaborador e amigo Alfredo Ceschiatti.**

"Ceschiatti flagra e immortaliza — por meio de uma visão extremamente pessoal — momentos de alta poesia, tensão e forte conotação plástica, em que a pulsação rítmica continua sempre latente."

- **Sheila Leirner, crítica sobre a obra "As Iaras".**

O E D I F Í C I O

Suas histórias são únicas.
Incomparáveis.
Extensões do seu ser,
do seu jeito de viver.
Representam as suas vontades,
seus caminhos, seus momentos.

Elas revelam a sua personalidade
e preenchem seus espaços.
E é nesses espaços,
onde a vida se projeta,
que as suas histórias são marcadas
para se tornarem eternas.



























A P A R T A M E N T O S

O lugar onde você cria
memórias, vive momentos
e constrói suas histórias
com prazer e sofisticação.



Apartamento Garden

3 suítes, apartamento
de 355,21 m²









Apartamento Tipo

3 suítes, apartamentos
de 233,13 m²





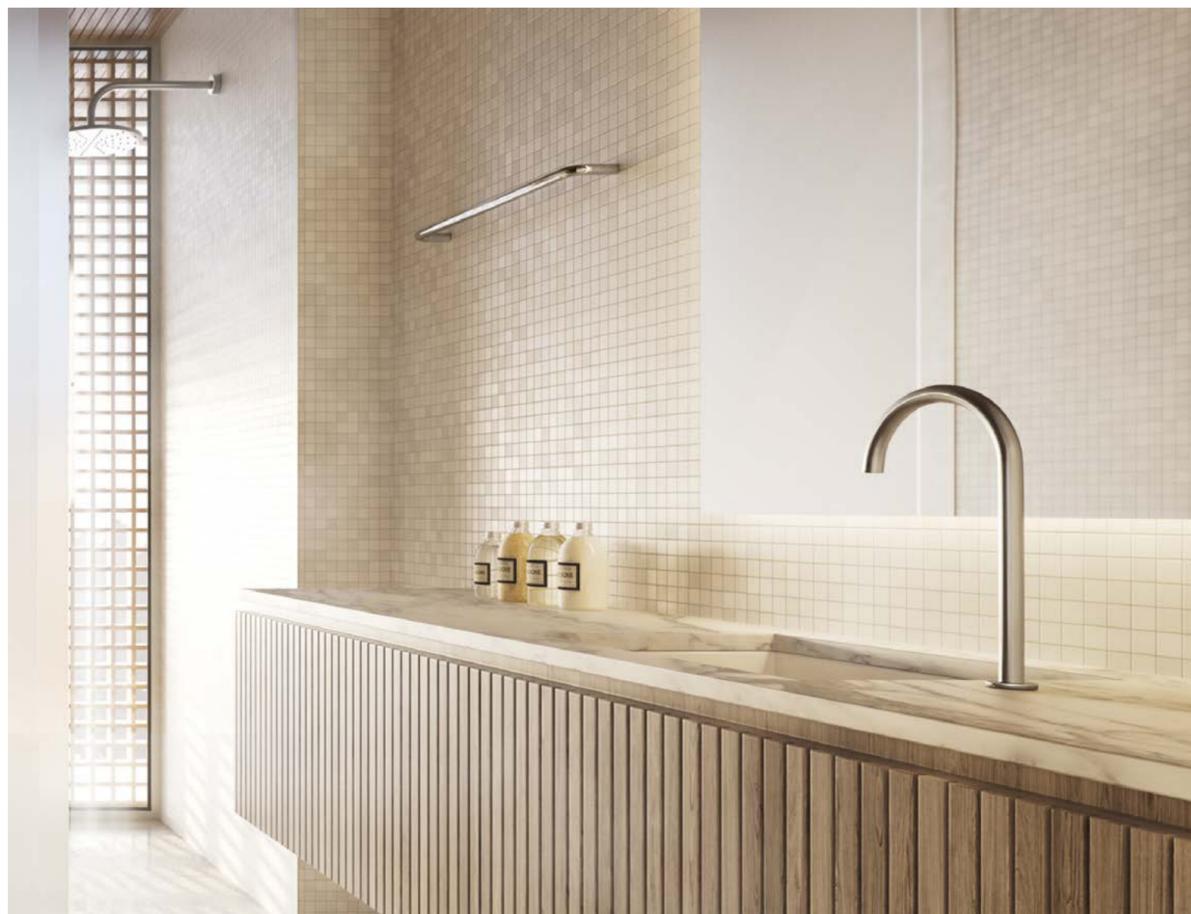










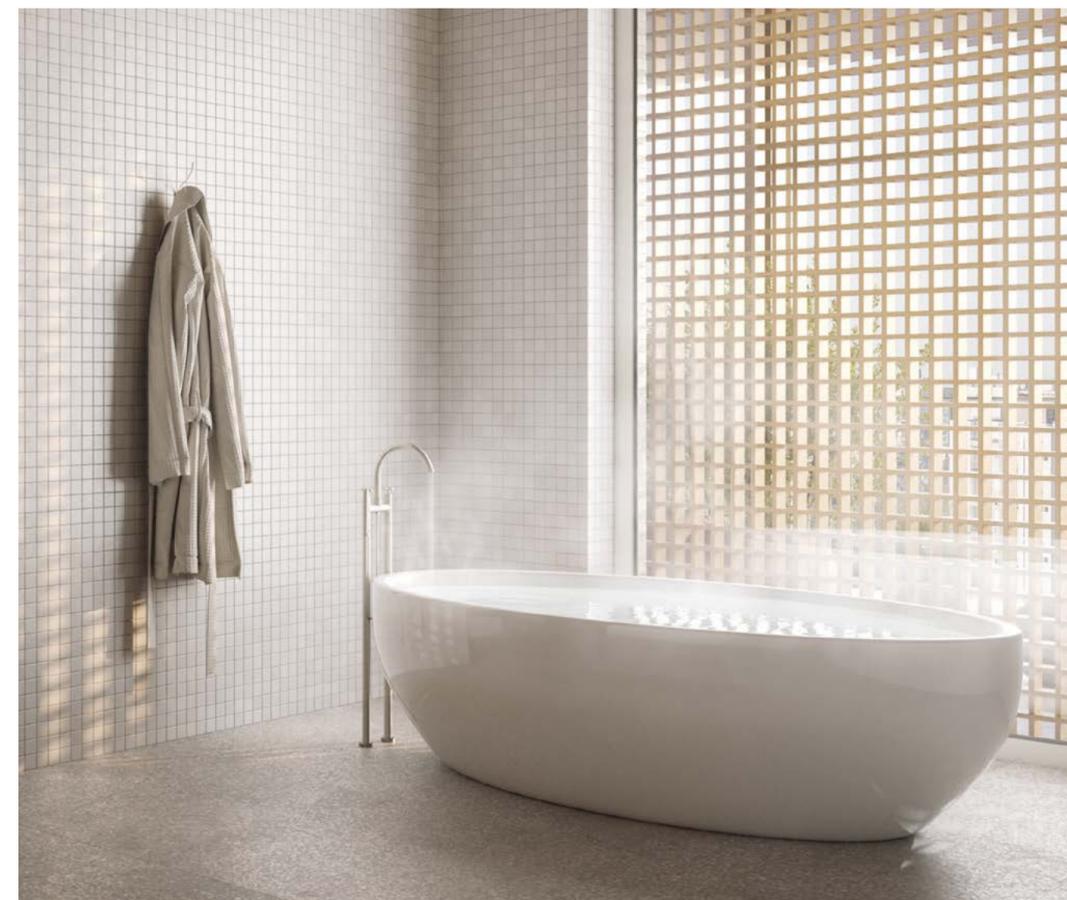


Apartamento Andar Único

4 suítes, apartamento
de 460 m²







Apartamento Cobertura

4 suítes, apartamento
de 476,42 m²















IMPLANTAÇÃO

TÉRREO



- 01 _ ACESSO SOCIAL
- 02 _ ACESSO DE SERVIÇO
- 03 _ ACESSO DE VEÍCULOS
- 04 _ PORTARIA
- 05 _ PAINEL DE MEDIDORES
- 06 _ SUBESTAÇÃO
- 07 _ COPA DE FUNCIONÁRIOS
- 08 _ APARTAMENTO DO ZELADOR
- 09 _ CIRCULAÇÃO DE SERVIÇO
- 10 _ HALL SOCIAL
- 11 _ JARDIM DE ACESSO E ESPELHO-D'ÁGUA
- 12 _ ESTAR EXTERNO E LAREIRA
- 13 _ SALÃO DE FESTAS
- 14 _ LAVABOS (SALÃO DE FESTAS)
- 15 _ COPA DE APOIO (SALÃO DE FESTAS)
- 16 _ DEPÓSITO (SALÃO DE FESTAS)
- 17 _ DML
- 18 _ CIRCULAÇÃO DE LAZER
- 19 _ DEPÓSITO CONDOMINIAL
- 20 _ BRINQUEDOTECA
- 21 _ SAUNA SECA
- 22 _ SAUNA ÚMIDA
- 23 _ SALA DE MASSAGEM
- 24 _ LAVABOS (LAZER)
- 25 _ VESTIÁRIO
- 26 _ ACADEMIA
- 27 _ PLAYGROUND
- 28 _ PISCINA COBERTA
- 29 _ PISCINA EXTERNA

RUA COMENDADOR RHEINGANTZ, 610.

IMPLANTAÇÃO

SUBSOLO 01

- 01 _ GERADOR
- 02 _ LIXEIRA
- 03 _ ACESSO SOCIAL AOS APARTAMENTOS
- 04 _ ACESSO DE SERVIÇO
- 05 _ SALA DE MÁQUINAS DA VENTILAÇÃO
- 06 _ SALA DE MÁQUINAS
- 07 _ ACESSO DE VEÍCULOS TÉRREO
- 08 _ ACESSO DE VEÍCULOS AO SUBSOLO 02



IMPLANTAÇÃO

SUBSOLO 02

- 01_ BICICLETÁRIO
- 02_ ACESSO SOCIAL AOS APARTAMENTOS
- 03_ ACESSO DE SERVIÇO
- 04_ RESERVATÓRIO INFERIOR
- 05_ ACESSO DE VEÍCULOS AO SUBSOLO 01



APARTAMENTO

GARDEN

355,21 m²



APARTAMENTO

TIPO

233,13 m²



APARTAMENTO

ANDAR ÚNICO

460 m²

*SUGESTÃO DE PLANTA.

APARTAMENTO

ANDAR ÚNICO

460 m²

*SUGESTÃO DE PLANTA.

APARTAMENTO

COBERTURA

476,42 m²



O BAIRRO BELA VISTA

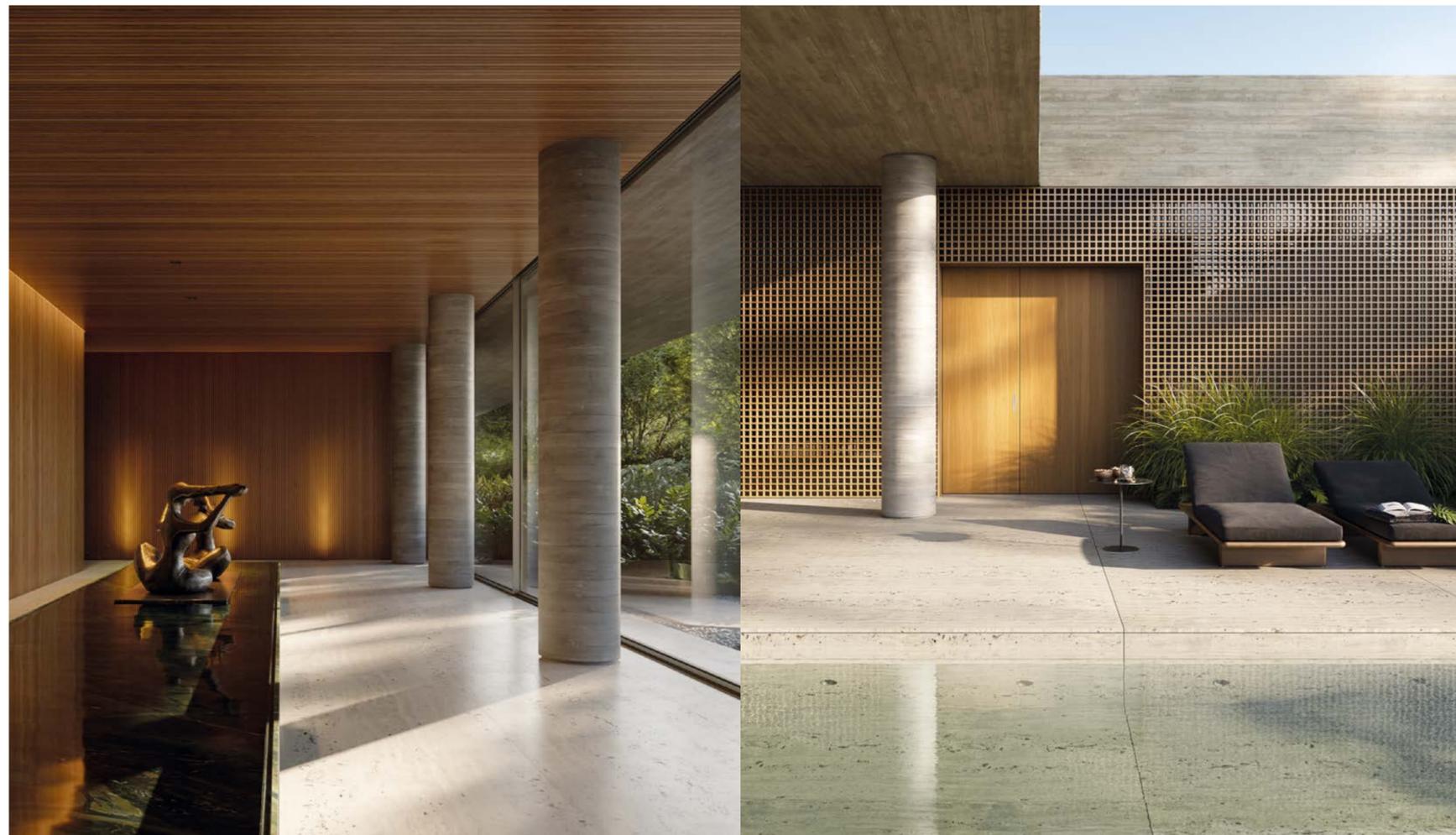
Situado na zona central de Porto Alegre, o Bela Vista é um dos bairros mais nobres da Capital. A área é localizada no alto de uma elevação, característica responsável pela vista incomparável que dá origem ao seu nome.

Por ocupar um dos pontos mais privilegiados da cidade, o bairro proporciona uma excelente qualidade de vida aos seus moradores, oferecendo segurança, conforto, lazer e a comodidade de realizar todas as atividades cotidianas a pé.

Comendador Rheingantz, 610.



O Edifício Iaras possibilita que você viva suas histórias de forma única a partir de diferenciais exclusivos pensados para transformar a experiência de morar.



DIFERENCIAIS

- _ Áreas condominiais totalmente mobiliadas
- _ Esquadrias em alumínio anodizado
- _ Muxarabis em alumínio
- _ Fachada em concreto aparente
- _ Laje com tratamento para atenuação acústica
- _ Vidros com tratamento termoacústico (área íntima com vidros insulados e área social com vidros com tratamento de conforto térmico)
- _ Ampla varanda
- _ Piscina coberta com revestimento em pedra natural - Travertino Romano
- _ Gestão de água - sistema coletivo com água quente privativa e condominial

MOBILIÁRIO ASSINADO

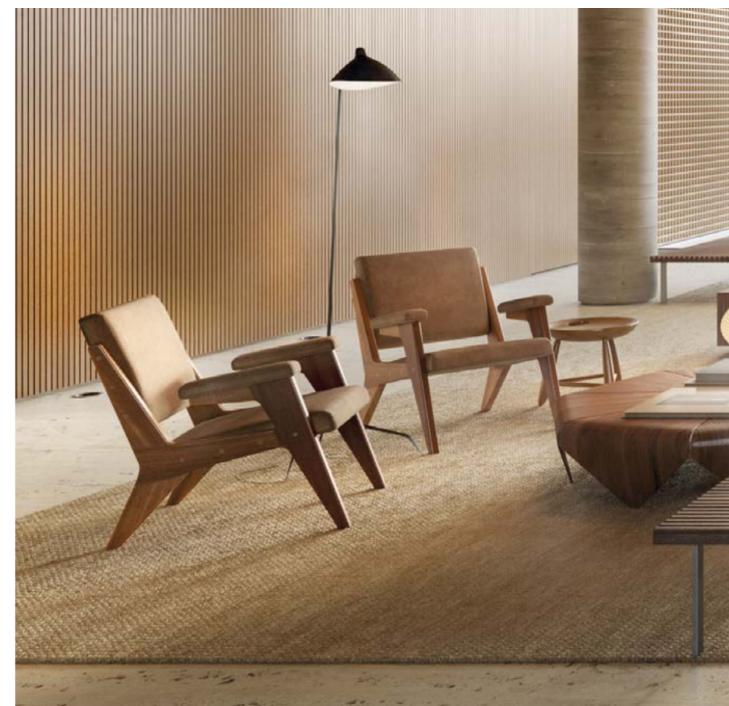
As áreas sociais do Iaras são preenchidas com um tipo exclusivo de conforto. O mobiliário presente nos espaços do edifício possui design assinado por renomados arquitetos, criando uma atmosfera de bem-estar autoral e único.



Banco Mocho - Sérgio Rodrigues



Poltrona Diz - Sérgio Rodrigues



Poltrona Zanine H - Zanine Caldas



Mesa Pétala - Jorge Zalsupin

P A I S A G I S M O

S U S A N A N E D E L

ENTREVISTA

Susana Nedel assina o projeto paisagístico do Edifício Iaras.

Na entrevista para Lucas Rachewsky, ela revela suas inspirações nos elementos que compõem o universo de particularidades do projeto.

Lucas Rachewsky: Susana, me conta sobre a tua trajetória e a tua relação com jardins.

Susana Nedel: Cresci com a minha mãe amando plantar, eu estudava a tabuada em cima de um pé de pessegueiro ou da fruta da estação. A família da minha mãe era de colonos alemães, meus pais nasceram em Montenegro, mas morávamos em Camaquã, em uma área não colonizada por italianos ou alemães. Como não tinha acesso a comprar fruta fresca, minha mãe plantava. Meu pai plantava arroz e ela plantava horta, pomar. A origem do meu gosto por estar no meio do verde foi essa, sempre morei em casa. Lembro que na época eu gostava mais da colheita, colhia moranguinho. Quando criança, eu vivia com as minhas pernas esfoladas, pois sempre subia nas árvores.

LR: A tua relação de proximidade com a natureza é de infância, mas quando tu percebeu que essa seria a tua profissão?

SN: Tu vê como as coisas são: eu tinha essa relação com a natureza lá na infância e depois por acaso casei com um agrônomo. Ele trabalhava em uma empresa, mas tinha vontade de fazer paisagismo. Comecei a trilhar esse caminho de fazer feiras de plantas junto com ele. Lembro que olhei o currículo dos cursos para decidir o que fazer e só me achei na arquitetura.





SN: As pessoas me diziam: “Tu vai fazer arquitetura para ficar só desenhando florzinha?”. Elas não entendiam a complexidade que pode envolver um projeto paisagístico. Como eu já tinha essa experiência, quando chegou nas cadeiras específicas de paisagismo, de finalização de projeto, eu sabia muito bem o que perguntar para me ajudar. Eu costumo dizer que me pagam pra fazer o que eu amo. Fico me divertindo escolhendo as coisas, pesquisando, desenhando.

LR: Tu entrou na faculdade de arquitetura com a certeza de que faria jardins?

SN: Exatamente, antes mesmo de me formar, eu já fazia projetos para casas. Na época, vendemos o nosso carro e compramos uma Kombi. Comprávamos plantas e fazíamos as feiras de verde. Uma vez eu estava fazendo um jardim na rua, modelando um canteiro, e uma colega de faculdade me viu. Ela parou o carro do meu lado e eu caí no chão bem na hora. Ela ria muito, é engraçado ver uma pessoa caindo quando não é sério, mas ela também ficou surpresa ao me ver em plena Carlos Gomes toda embarrada. Eu adoro colocar a mão na terra e modelar os canteiros. O jardineiro não tem curso de modelagem, então tu dá um exemplo e mostra o que tu quer na prática.

LR: Como se dá o teu processo hoje em dia, com toda a tecnologia que temos disponível?

SN: Eu sempre começo os projetos desenhando à mão, criando em cima das plantas baixas. Depois a nossa equipe começa o processo de modelagem no computador. As ferramentas disponíveis facilitam muito o trabalho, ajudam a visualizar o projeto nos mais diversos ângulos, conseguimos aprimorar e detalhar cada vez mais, mas pessoalmente eu nunca ligo o computador, me sinto melhor desenhando à mão mesmo.

LR: Fora do universo das plantas, o que inspira a tua criação?

SN: Tento imaginar cada trabalho de uma forma muito individual. Se eu disser que a inspiração foi essa ou aquela, vou estar mentindo. Eu tenho muitos livros, tenho até medo que um dia a minha estante desabe. Quando estou um pouco embananada com alguma forma, eu pesquiso e daqui a pouco encontro uma solução que nem estava esperando.

“Estou constantemente pesquisando, acumulando referências, então as criações acabam acontecendo naturalmente. Cada projeto tem a sua particularidade.”

LR: Quais são os critérios que tu leva em consideração nos teus jardins?

SN: Eu acredito que a questão dos sentidos seja fundamental. O que a pessoa vai enxergar a partir das diversas perspectivas e qual vai ser o convite de cada canto do jardim. Planejar de acordo com os ângulos de visão de cada espaço.

“Gosto muito de apelar aos sentidos, de criar um paisagismo que seja visual, sonoro e olfativo.”

SN: Despertar as emoções, a sensação de bem-estar, de privacidade, o conforto térmico, estar no meio da natureza em um ambiente urbano. Gosto de movimento, perceber o vento, a passagem do tempo. Isso é o que me dá prazer, acho muito bonito.

LR: Um jardim tem o poder de ressaltar a arquitetura e a capacidade de criar cenários inesperados. Normalmente o teu trabalho começa a partir de uma arquitetura definida. Como é o desafio de criar dentro de uma certa limitação?

SN: É uma questão de saber usar a limitação a seu favor, de compreender a arquitetura proposta e as emoções que ela provoca. Eu estudo muito o projeto, interpreto as intenções e vou adicionando o meu olhar a partir disso. Nunca imaginei que fosse gostar tanto de trabalhar com um escritório renomado como o Studio MK27. O paisagismo é uma resposta à arquitetura proposta; eu costumo ter bastante liberdade para criar e propor um diálogo, e com eles não foi diferente. Foi uma experiência muito positiva.

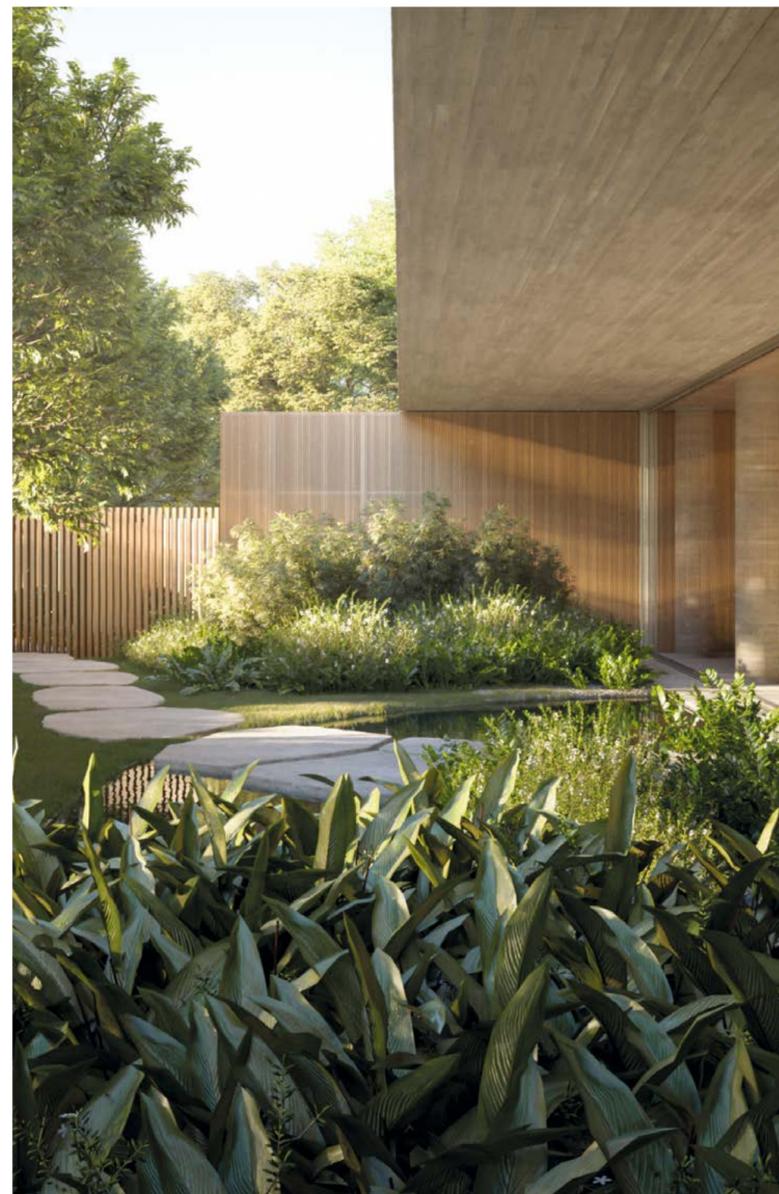
LR: Pessoalmente, eu gosto de paisagismos em que a natureza parece tomar conta, como se perdêssemos o controle ao longo do tempo. O improvisado e a surpresa das formas fazem parte do teu trabalho?

“Eu sempre digo que me sinto realizada quando as pessoas entram no jardim e perguntam: ‘O que a Susana fez aqui?’. Quanto menos ficar demonstrado, melhor. Não gosto de deixar a sensação de algo fabricado.”

SN: Gosto de criar um habitat natural, dar privacidade, conforto térmico, como se fosse um bosque. Claro que nem sempre é possível, existem limitações e também o gosto de cada cliente, mas no caso do Iaras acredito que conseguimos trazer essa percepção de uma natureza livre. Gosto de pensar em todas as camadas, nos detalhes, no acabamento, no reflexo, no som, no cheiro, pra mim tudo importa. O meu atual marido, que é engenheiro, às vezes me diz “Susana, isso é frescura”, e eu respondo “Mas eu sou 1.000% movida à frescura”.

LR: Um dos grandes destaques do laras é o paisagismo da entrada, com uma espécie de lago sinuoso que conduz até o hall. Além disso, o projeto arquitetônico tem grandes aberturas e a conexão dentro e fora é permanente.

SN: Eu tinha que criar uma forma de chegar ao vão central, um caminho que não fosse bobo, que revelasse novos ângulos e te fizesse perceber os diferentes reflexos. É uma questão de ter tempo de olhar, de não ser tão óbvio, das pequenas surpresas. Por ser um espaço aberto, achei interessante acrescentar esse espelho-d'água com uma forma mais natural.



“Para mim, é importante que a água seja um elemento vivo e reflita a natureza, as nuvens, os pássaros, que tenha o movimento do vento e uma sonoridade agradável.”

A água acabou se tornando um elemento muito presente no projeto, assim como o fogo da lareira externa e do braseiro do salão. O fogo e a água representam muito a vida. E olha que engraçado: quando eu apresentei essa proposta, a Diana Radomysler e o Pedro Ribeiro olharam com uma certa surpresa, eu senti que tinha algo, então eles disseram: “Nós também colocamos um espelho-d'água no interior do hall”. Se eu soubesse disso antes, talvez me sentiria inibida em colocar. No fim todos gostaram e concordamos em manter, foi uma coincidência incrível. Sobre as grandes aberturas, quando vi pela primeira vez, tive a certeza de que não deveria interferir com elementos que tirassem a sensação de limpeza. Os vidros ajudam a ressaltar a vegetação através dos reflexos. Essa relação do vidro, da água e do verde funciona superbem. No térreo os espaços são permeáveis e a vegetação emoldura o projeto.

ATO III
A KOPSTEIN

P E D R O K O P S T E I N

E N T R E V I S T A

Pedro Kopstein,
diretor.

Pedro Kopstein: Meu lado paterno veio da Moldávia pros assentamentos judaicos que fizeram no interior do Rio Grande do Sul, em Philippon. Meu bisavô Aron Kopstein, nome do meu terceiro filho, veio pro primeiro assentamento em 1909.

O rabino da colônia era avô do Benjamin Steinbruch e meu bisavô era auxiliar do rabino. Meu avô David, que foi uma pessoa muito importante na minha vida, com quem eu convivi muito, nasceu lá. Minha avó nasceu em uma dessas colônias também, só que na Argentina, numa colônia chamada Moisés Ville. O lado da minha mãe veio de Varsóvia; meu avô em 1933 e minha avó em 1939.

Lucas Rachewsky: Pedro, qual a história da tua família?



LR: Os desafios, o sofrimento, as histórias de sobrevivência, é difícil entender hoje o que nossas famílias passaram em busca de uma vida melhor. A empresa que carrega o nome da tua família e foi fundada pelo teu avô David fez 80 anos. Tu deve ter muito orgulho em levar essa história adiante. Me fala sobre como a Kopstein começou.

PK: O meu avô nasceu em 1918 em uma família muito simples. A mãe dele morreu quando ele era jovem e ainda pré-adolescente ele se mudou para Rio Grande, onde fez as mais variadas coisas. Foi frentista de posto de gasolina, cobrador de ônibus ou bonde, eu não sei, isso devia ser final da década de 1920 ou início dos anos 30, e também trabalhou no porto. Algumas histórias ele me contou quando eu era criança e outras adulto, então dá uma embaralhada. Eu tenho um pouco de dúvida, mas sei que ele morava em Rio Grande e conheceu a minha avó, que era argentina e tinha se mudado com a família pra Pelotas. Eles se casaram em 1936 e meu pai nasceu em 1938. A minha avó está viva até hoje, com 102 anos. Eram um casal muito simples, meu avô era mascate. Ele tinha uma bicicleta com uma pequena carreta e vendia as coisas em prestações. Todo dia ele dava um dinheirinho pra minha avó ir à feira. Ela sempre foi muito econômica e juntou ao longo do tempo o suficiente pra ele fazer uma carretinha de tecidos e aquilo foi uma evolução. A minha avó contava uma história sobre o meu avô voltar pra casa depois de um dia inteiro trabalhando na chuva e colocar o dinheiro pra secar, tinha até pulga morta no meio do dinheiro; não devia ser fácil. Ele sempre foi muito trabalhador e foi juntando dinheiro até fazer a primeira casa; quando ela ficou pronta, um amigo ou parente acabou comprando. Ele fez uma segunda casa e vendeu também. Minha avó tá velhinha pra esse nível de detalhe e meu avô infelizmente faleceu, então eu não sei exatamente quando que ele pôde dizer: “Agora vou fazer uma casa sem ter que vender a minha”. Não tenho certeza de quantas casinhas ele tinha feito, mas sei que ele conseguiu, foi fazendo até deixar de ser mascate.

“Então eu acho que a Kopstein nasceu da necessidade de um homem trabalhador de prover a esposa e o filho e acabou virando uma empresa.”

Depois ele conseguiu fazer um prédio térreo e mais um andar, depois térreo e mais dois andares. Em 1956 meu pai passou na Universidade Federal de Medicina em Porto Alegre. O filho entrar na faculdade de medicina foi um orgulho incrível pra uma família tão humilde, e como o meu pai é filho único vieram todos pra cá, eles moravam na rua Henrique Dias, no Bom Fim.

“Meu avô não tinha condições de não trabalhar e com o pequeno capital que tinha começou a empreender em Porto Alegre fazendo pequenos edifícios. Sendo uma pessoa muito correta e honesta, começou uma história de sucesso.”

O meu pai se formou e foi estudar na Inglaterra; além de médico também foi professor da Universidade Federal por muitos anos. Meu avô passou a ter um pouco mais de conforto e conseguiu ficar com alguns dos imóveis que construía. Ele tinha aquela preocupação de um cara que por muitos anos não teve nada, de não arriscar tudo e ter algo pra renda, caso alguma coisa não fosse bem. Durante muitos anos, eu almocei todos os dias na casa dele e nós íamos juntos pro escritório, que na época ficava no bairro Menino Deus, na esquina da Getúlio com a Barão do Triunfo. Eu fui muito, muito próximo dele, uma pessoa que eu tenho uma admiração muito grande, tanto que o nome do meu primeiro filho é David. Isso foi uma condição, quando eu conheci a minha esposa, disse: O nosso primeiro filho vai se chamar David, pois é muito importante pra mim homenagear o meu avô. Um dia, caminhando juntos, ele me contou a história de um dos primeiros edifícios que fez em Porto Alegre, na Avenida Bastian, esquina com a Getúlio Vargas: “Imagina um terreno desses numa esquina como essa hoje, ao lado de um Zaffari, a torre maravilhosa que eu teria feito, e na época fiz vários prédios pequenos, pois o elevador era caro”. O terreno era tão barato, apesar do endereço, mas o elevador era caro, por isso edifícios pequenos, pra economizar no elevador. As coisas foram mudando, hoje em dia o elevador é barato e o terreno é tudo.

LR: Quando tu passou a trabalhar na empresa?

PK: Eu entrei na empresa em 1998, aos 17 anos. Na época o meu avô tinha um terreno na Cidade Baixa e esse foi o primeiro prédio de que participei. Depois fizemos um, dois e mais alguns prédios. Eu me lembro bem de quando as grandes construtoras chegaram a Porto Alegre, se não me engano foi a Cyrela em 2006 ou 2007, e eu pensei que ficaria muito difícil competir com uma empresa desse porte, uma empresa que a gente respeita e admira muito. Na época pensei que deveríamos tentar achar um nicho onde a gente pudesse, apesar do nosso tamanho, ser percebido como algo diferenciado. Foi aí que resolvemos migrar pro alto padrão e virou a chave da empresa. Eu só fiz edifícios residenciais, nós até fizemos alguns imóveis comerciais para uso da família, mas nunca incorporamos um edifício comercial. Migramos pro alto padrão e acabei me apaixonando, virou um tipo de hobby com trabalho, uma paixão pela arquitetura, pelos detalhes. É um trabalho bem difícil, pois é um negócio feito à mão e nós temos uma preocupação muito grande em como atender os clientes da melhor forma possível.

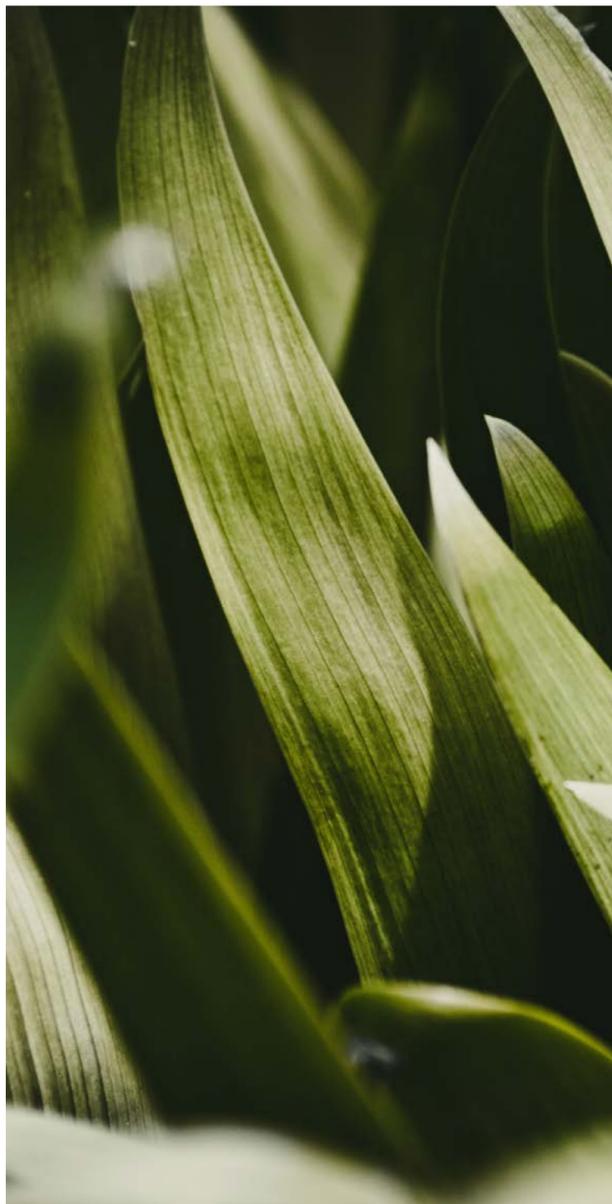
LR: Essa obsessão pela qualidade e pelo atendimento é uma herança do David?

PK: Eu acredito que sim, na questão da seriedade e do comprometimento. Quando acontece alguma coisa, estamos sempre lá, a gente atende e responde. Eu acho que isso é uma coisa do meu avô e do meu pai, tudo tem que ser correto. Claro que o alto padrão não era o foco do meu avô, ele fazia apartamentos menores. O alto padrão é aquela coisa da minúcia, do detalhe, do cliente com um nível de exigência altíssimo, e nós temos que fazer jus à exigência do cliente.

LR: O teu pai seguiu o caminho da medicina. Ele chegou a trabalhar na empresa em algum momento?

PR: Meu avô teve um câncer em 1992, foi bem sério, e meu pai acabou indo pra empresa. Ele trabalhou vários anos na Kopstein, mas não chegou a incorporar, meu pai nunca construiu. Então a empresa ficou uns 6 ou 7 anos sem construir. Quando eu entrei, meu pai continuava trabalhando na parte dos imóveis que temos e eu voltei a construir. Eu acho que no segundo ou terceiro prédio que estávamos fazendo meu avô veio a falecer.

“Pra mim o binômio da empresa é fazer projetos de alto padrão, sempre ir melhorando esse padrão com boa arquitetura, uma arquitetura internacional com a brasilidade dos grandes arquitetos brasileiros, e ao mesmo tempo ter essa questão da qualidade da execução da obra e do atendimento ao cliente. Essa é a motivação da Kopstein.”



LR: O teu aprendizado foi com a mão na massa.

PK: Exato, porque tínhamos a empresa, o meu irmão mora no exterior desde os 16 anos, o meu pai tinha a carreira na medicina, então não tinha ninguém pra seguir, foi natural pra mim. Meu pai sempre foi muito bacana comigo, se eu quisesse ter sido médico ou advogado, eu teria todo o suporte também. Quando entrei na Kopstein, não tinha ideia se aquilo seria a minha vida; entrei pra conhecer, ver o que era e depois decidir o que fazer da vida, não sabia o que faria. Tinha demandas, oportunidades, e tinha o meu pai e meu avô ali dentro naquele momento. Quando comecei a construir, meu avô ainda era muito ativo, até ficar doente. Ele adorava ir às obras, ia todos os dias, era uma pessoa muito cativante. Eu também gosto de ir à obra, me esforço pra ir todos os dias, às vezes não consigo, mas eu tento. Lembro que naquela época eu chegava na obra e os mestres vinham falar comigo: “O seu David já esteve aqui”, “O seu David é maravilhoso”. Foi um privilégio ter tido uns 6 anos junto com ele na empresa. Eu adoro o que eu faço, essa coisa de escolher um terreno e fazer um prédio.

LR: Eu acompanho o teu trabalho de perto há quase 10 anos e vi mudanças bem significativas na tua forma de abordar os empreendimentos ao longo do tempo.

PK: Muita coisa mudou e muita coisa está mudando. O nível do alto padrão está aumentando, o cliente tá muito exigente, não tem aceitado coisas do passado. Tem uma produção arquitetônica muito bonita em Porto Alegre nos últimos anos, coisas bastante variadas, estéticas diferentes. Talvez a gente tenha tido muitos anos de um alto padrão mais homogêneo, quando tudo era pastilha e granito. Hoje temos várias coisas, arquitetos maravilhosos de Porto Alegre e grandes nomes da arquitetura como o Isay, o Kogan e o Casas. Quanto mais diversidade e mais nomes de fora, melhor.

Eu sou apaixonado por Nova Iorque, que pra mim é a cidade mais incrível do mundo, tudo de bom tá lá. Quando eu viajo, sempre visito empreendimentos, vou estudando, conhecendo novos arquitetos. Esses tempos eu descobri um projeto na África de um arquiteto chamado David Adjaye. Entrei no Instagram dele e achei espetacular, vi que ele tinha um projeto incrível no Soho e fui lá conhecer. Eu já fico louco de vontade de trazer o Adjaye pra cá. Agora estamos começando a incorporar em São Paulo e lá esse tipo de coisa é mais óbvia, até em função de plano diretor, que aqui é muito restritivo. Em São Paulo é mais expansivo, então se consegue trazer um arquiteto de fora com soluções diferentes, mas tomara que seja pra Porto Alegre, que é a minha cidade; eu amo Porto Alegre, é onde crio os meus filhos e pretendo ficar, não me imagino saindo daqui. Mas que maravilha que possam vir arquitetos como o David Adjaye e outros grandes arquitetos do mundo pra cá. Tomara que seja a Kopstein que traga eles, mas, se forem outras incorporadoras, ótimo, porque eu acredito que a concorrência qualifica. Tenho a minha suspeita de qual projeto começou esse movimento de elevar ainda mais o padrão arquitetônico de Porto Alegre, mas não vou citar nomes (risos). Acho que isso puxa todo mundo pra cima. É maravilhoso, nos desafia a melhorar, todo mundo ganha e qualifica a cidade. Ganha a produção local, ganha a produção de fora, o incorporador, que também tem que melhorar pra trazer coisas novas e trabalhar com esses arquitetos, ganha o cliente e ganha a cidade.

LR: O que te fez perceber que tu precisava mudar e virar a chave da empresa novamente ao trazer arquitetos como o Isay e o Kogan?

PK: Chegou um momento em que todo mundo estava viajando e tendo muitas experiências, as pessoas passaram a focar mais em experiências e menos no objeto. Eu comecei a perceber isso nos clientes que sentavam comigo. Esse cara que viajava tinha várias experiências legais, o carro, o hotel, o restaurante, mas o apartamento que ele morava em Porto Alegre não tinha incorporado nada disso.

“Nós continuávamos fazendo o mesmo tipo de projeto, a mesma arquitetura, e eu entendi que não poderia ficar atrás do meu cliente. Acho que o empresário tem que fornecer aquilo que o cliente quer e não o cliente comprar o que tem disponível.”

Eu senti essa virada de chave do cliente e vi que precisava correr atrás. Como vou começar a correr atrás? Trazendo uma grande arquitetura pra Porto Alegre, pois é um cliente que está acostumado a ver essa arquitetura nas suas viagens, e reformulando processos construtivos, pois não adianta ter uma grande arquitetura e pecar em questões de qualidade. Isso pra mim tem sido o foco, uma obsessão, sacudir, virar, mexer a empresa pra que tenha processos construtivos mais eficientes.

LR: Na tua visão, qual o papel do incorporador em relação às cidades? O que a arquitetura representa pra ti? Como ela impacta a vida das pessoas?

PK: O incorporador deve escutar para onde a sociedade quer caminhar. Às vezes eu vejo coisas que acho extremamente estúpidas, como a ideia de espalhar as cidades. Em um país que tem tanto pra gastar com saneamento, com transporte, por que vamos espalhar as pessoas? Em Porto Alegre, por exemplo, tem o 4º Distrito, que é espetacular. Por que não levar vida pra lá? Do 4º Distrito e do centro se vai caminhando ou pedalando pra qualquer lugar da cidade — pra Carlos Gomes, pra Nilo Peçanha, pro Moinhos de Vento, onde quer que seja a empresa em que a pessoa trabalha. Então, por que pensar em abrir um bairro novo ainda mais longe? Não vamos fazer sistemas de metrô, não tem dinheiro pra isso, mas no centro e no 4º Distrito o esgoto tá pronto, a luz tá pronta, faz uma ciclovia mais bem feita, melhora o transporte, desafoga a cidade, vai fazer bem pra saúde das pessoas. Pra mim, ficar horas em transporte é horrível, independentemente se é público ou privado; são duas horas do teu dia que tu deixa de estar com os teus filhos, com a tua esposa, que tu deixa de ter um momento de lazer. A pandemia trouxe isso para as pessoas, trouxe muito sofrimento, muitas vidas perdidas, mas também coisas boas como valorizar o tempo de ficar juntos, o tempo em família. Quanto me custa deixar de estar uma hora com a minha esposa, com os meus filhos, com os amigos, pra ficar uma hora em um congestionamento? Eu acredito que o setor público tem que olhar para isso e o setor privado também, para onde a sociedade quer caminhar. Inclusive o atual prefeito tem um projeto maravilhoso pro centro da cidade. Eu me lembro em abril do ano passado, eu apaixonado por Nova

lorque, lendo muito sobre a cidade durante a pandemia, e tinha especialistas que diziam que Nova lorque ia acabar, que Londres ia acabar, Hong Kong ia acabar, os grandes centros urbanos iriam acabar, mas nesse ano eu fui pra lá duas vezes e a cidade tá cheia de vida, os restaurantes estão lotados, o mercado imobiliário, os bairros florescendo novamente, o Upper East Side do qual as pessoas tinham saído e agora voltaram. São bairros que tu desce e tem a lavanderia, tem o cafezinho, tem vida. Uma vez eu ouvi uma frase, não lembro onde, mas achei perfeita: “País rico não é aquele onde o pobre vai trabalhar de carro, mas onde o rico vai trabalhar de transporte coletivo”. É tu entrar em um trem absolutamente diversificado que é o retrato do tecido social da sociedade. Tem o CEO da empresa lendo jornal, mandando e-mails, tem o entregador, tem de tudo e todo mundo junto no mesmo transporte coletivo rápido e eficiente, ninguém perde tempo, não congestiona a cidade. No Brasil temos coisas que são aberrações, em algumas cidades americanas também: estacionamentos que são maiores que o prédio. Estive recentemente em Los Angeles e achei a cidade horrível, tudo é tão distante. Adoro fazer tudo caminhando, conhecer a cidade, de carro as coisas passam e eu não vejo, então faço tudo a pé. Resolvi caminhar num sábado de manhã por Beverly Hills meio sem destino e me dei conta, quando cheguei às casas famosas, de que as ruas não tinham calçada. Eu andava no meio da rua, daqui a pouco passava um carro e eu pulava pra cima da grama. A cidade é tão inóspita que ela te joga pro meio da rua. Eu fui em um shopping que tinha 2 andares de lojas e 5 andares de estacionamento. Isso é o reflexo da cidade que expulsa as pessoas, todo mundo mora superdistante, precisa do carro pra tudo. Que bacana quando se chega em um lugar em que o shopping é ao ar livre, tudo é aberto, tu caminha da tua casa até lá.

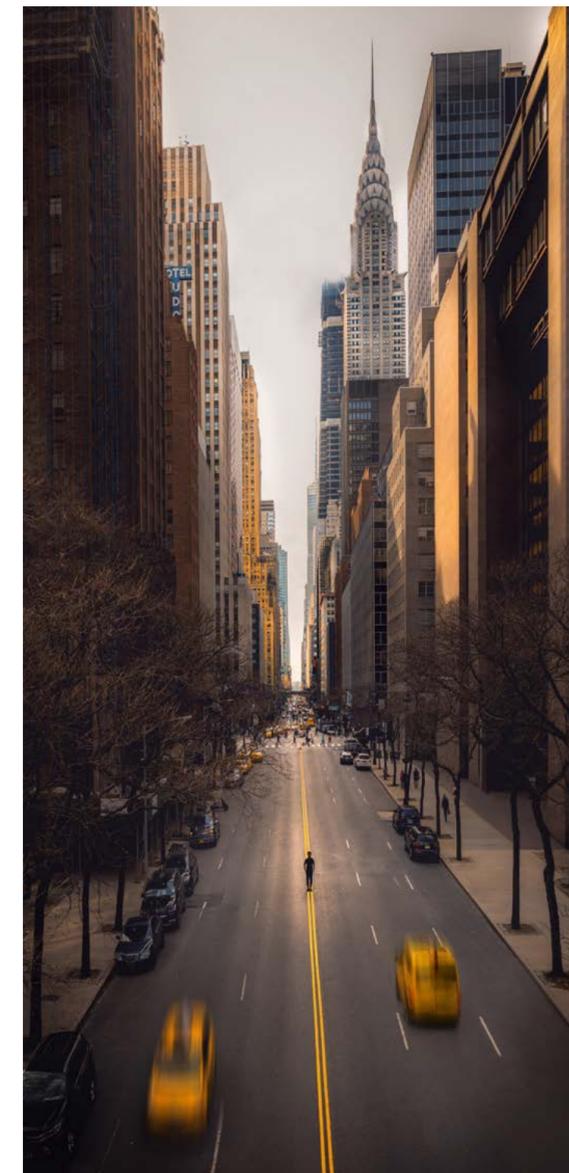
LR: A quem tu atribui uma cidade ser tão resiliente e ter essa capacidade de se reinventar, como é o caso de Nova lorque?

PK: Nova lorque é uma fênix. Eu acho que são as pessoas. Nova lorque tem um catalisador, algo de puxar, não sei se dá pra dizer as melhores, mas pessoas muito especiais pra cidade. Tenho muitos amigos lá e vejo que existe um foco nos objetivos em comum, seja no trabalho, seja nas relações sociais. É uma cidade despida de preconceitos. Como quase ninguém é nova-iorquino — todo mundo vira nova-iorquino —, não interessa muito a religião, as opções pessoais, e isso faz a cidade ser tão maravilhosa. Tu atraí grandes pessoas, mentes brilhantes em um lugar que está focado em resultados, em objetivos. Eu acho que aqui ainda se tem preconceitos e isso gera muito atraso. Em lugares como Nova lorque, as pessoas vão criando novas demandas; demandam cada vez mais e melhor, e os empresários vão atendendo. Seja o incorporador, seja o dono do restaurante, quaisquer que sejam os anseios, eles vão sendo atendidos.

LR: Quando eu morei em Sydney, em 2005, tive essa mesma sensação. Claro que hoje muita coisa mudou, mas o que me atrai nesses lugares são as relações baseadas no princípio do comerciante, na troca de valor, onde ninguém tá interessado na tua vida privada.

PR: Exatamente, as opções da pessoa que tá interagindo contigo são irrelevantes; se ele tem interesses em comum contigo, tu vai conviver, vai ser teu amigo, independentemente de qualquer coisa. O princípio do comerciante é uma relação em que todo mundo quer ganhar, não tem uma coisa de canibalismo em que alguém tem que perder. Deixando coisas pequenas de lado, podemos ganhar juntos.

LR: Essa capacidade de observar movimentos culturais, de ouvir, de criar e transformar a realidade ao redor é fascinante e é assim que eu percebo o Kogan e o Isay, eles são first-handers. Como incorporador, tu é um facilitador desse processo de transformação?



“Pra mim, tudo é arquitetura e eu realmente me considero mais como um facilitador. Trabalhei com muitos arquitetos maravilhosos na minha vida, mas considero um privilégio estar em mais de um projeto com o Marcio Kogan e o Isay Weinfeld. Quando vemos que arquitetura é tudo, entendemos um pouco como funciona a cabeça deles, eles são muito autorais.”

PK: Eu me lembro de ver a tua entrevista com o Isay e ele dizer que a sua grande virtude é ser um grande ouvinte. Por que o Isay não diz que é o estilo ou a inspiração? Porque isso não importa, não interessa se é clássico, se é californiano ou francês, não existe isso. Ele escuta porque quer ver como pode fazer com que as pessoas vivam melhor e sejam mais felizes, que é o objetivo de todo mundo. Quando eu sento com o Isay ou com o Marcio, eu passo pra eles o que eu tô enxergando da cidade, do terreno, da região, da demanda dos clientes, e vejo que o objetivo deles é fazer com que essas pessoas tenham prazer e vivam melhor. Eu gosto muito de música clássica, pois tem um nível de perfeição que te faz perceber que junto com a beleza tem o sofrimento para se chegar naquele nível. Quando vejo um projeto do Kogan ou do Isay, percebo esse esforço pra se atingir a perfeição nas proporções. Estamos fazendo um projeto com o Isay na Consolação, em São Paulo, e eu vejo quanto trabalho se teve pra atingir as proporções. Quando falamos sobre o projeto, ele jamais menciona estilo, ele fala da proporção. E agora tem o Iaras com o Marcio Kogan, o primeiro projeto dele em Porto Alegre, e é a mesma coisa. Tu admira as proporções e não tem absolutamente nada que tu tenha que fazer mais do que uma curva de 90 graus pra ir de um lugar ao outro. É inacreditável como tudo encaixa, não tem um quarto que esteja desalinhado com outro, os corredores, tudo está no lugar. É genialidade? Sim, mas eu acho que tem uma inconformidade com a não perfeição da forma e do resultado. E é isso que vai fazer aquela família ser mais feliz ali dentro. A arquitetura é um catalisador de sentimentos e emoções e isso me faz ser apaixonado por ela. Outra coisa que eu adoro em Nova Iorque é o valor que a cidade dá pra arquitetura; tu vê um anúncio de um apartamento sendo vendido e no anúncio diz: “Vendo um Emery Roth” (um arquiteto por quem sou apaixonado), ou “Vendo um Rosario Candela”. São arquitetos que morreram há 70 ou 80 anos e os nomes deles vêm antes mesmo de dizer o endereço. “Vendo um Emery Roth na 80 com a Park Avenue”. Começa o anúncio reverenciando o arquiteto; lá o cliente diz: “Eu quero morar em um Emery Roth”.

LR: Ainda sobre essa busca pela boa arquitetura, tu pesquisa e viaja com frequência, e eu vejo que tu não separa muito os teus hobbies do teu trabalho, as viagens de vinho ou em família das de visitas aos projetos que tu admira.

PK: Minha vida hoje não separa mais trabalho e lazer, tudo emaranhou. Eu tô no escritório eventualmente a lazer, fazendo alguma coisa de um hobby, e às vezes tô numa viagem que hipertrofiou demandas e trabalho metade do dia, entro numa ligação, sou superdisponível. Me adapto bem, viajo, fico dois dias e volto. E como não conheço as coisas, tenho que aprender, e nesse ponto eu talvez me considere um second-handler. Meu jeito de aprender é observando, conhecendo pessoalmente. Claro que hoje a gente consegue ver no celular, tem o Pinterest, o Instagram dos grandes arquitetos, das incorporadoras que a gente admira, mas nada igual a fazer uma visita guiada em um empreendimento desses. Eu tive a oportunidade de estar com vários desses arquitetos internacionais, de marcar um café, e eles me receberam superbem. Todo mundo gosta muito do Brasil, é um lugar maravilhoso; eu sou apaixonado pelo nosso país. Não tem um grande arquiteto que não tenha vontade de vir pro Brasil e eu acho curioso que São Paulo, com tanta riqueza, tanto de tudo, não tenha o desfile arquitetônico que se vê em Nova Iorque, em Mônaco, em Singapura. Por que não? Tem tudo pra ter. Em Nova Iorque eu fui visitar o 56 Leonard do Herzog & de Meuron; não tive a oportunidade de conhecê-los, mas o projeto é uma coisa espetacular. Ver esses projetos me faz sonhar, seria maravilhoso ter algo assim no Brasil. Vou pesquisando, conhecendo e sonhando pra ir subindo a régua, essa é a minha ideia.

LR: Quais são os principais pilares de um empreendimento da Kopstein?

PK: O sonho de todo incorporador é sair da commodity, mas o que é commodity? Se todo mundo fizer apartamentos de luxo com grandes arquitetos, vira commodity? Então o que eu faço é tentar achar “água limpa” ou “água mais limpa” pra gente trabalhar. Nosso foco é o alto padrão, é poder fazer projetos diferenciados e ter liberdade arquitetônica e de memorial descritivo. Isso é um quebra-cabeça e tu acaba tendo que ficar em lugares de escassez de oferta pra fazer um produto mais especial. O meu foco, e eu devo passar ao menos uma ou duas horas por dia nisso, é o envolvimento com o terreno. É difícil responder a essa pergunta, mas o terreno é com certeza um desses pilares. O mercado mudou muito, há alguns anos as pessoas queriam morar em um edifício de um apartamento por andar e não davam tanta atenção para as áreas condominiais. Hoje vemos sucessos incríveis de empreendimentos em lugares não tão óbvios, porque eles têm o clube, têm toda uma estrutura pro morador. No nosso caso, buscamos um lugar que tenha exclusividade, em que seja possível fazer boa arquitetura, ter um memorial diferenciado e em que eu consiga colocar um bom programa de lazer. Esses critérios tornam o terreno uma equação bastante complicada. É uma busca muito dura e às vezes inglória, pois muitas vezes tu dedica dois anos a um terreno que tem inúmeros problemas de herdeiros, vizinhos que não se dão bem, questões familiares. Por isso, eu dedico boa parte do meu tempo resolvendo essa equação.

LR: A expressão “alto padrão” foi usada em demasia nos últimos anos. Na tua visão, o que faz um empreendimento ser alto padrão hoje?

PK: É um conjunto de soluções que só se viabilizam em um empreendimento de valor de metro mais caro, pois não se trata apenas do revestimento, mas das soluções arquitetônicas e de engenharia. Por exemplo, uma coisa minha nos projetos é não aceitar vaga de estacionamento no térreo. Eu gostaria que nem precisassem de vagas de estacionamento, como em Nova Iorque, mas aqui no Brasil ainda precisa. Então, é um conjunto de soluções que vão desde a localização especial, o terreno, a caminhabilidade da região. Eu já deixei de comprar terrenos por achar que não tinham boa caminhabilidade, mesmo tendo uma boa vista, pois tudo é qualidade de vida. Tem que juntar vários pontos, como se fosse uma checklist: uma localização especial, a possibilidade de se ter uma programação de coisas caminháveis, ter um público com interesse em pagar por soluções arquitetônicas e de engenharia que vão desde cavar um andar de subsolo a mais, que é uma das coisas mais caras da obra, pra não ter estacionamento no térreo, pra se ter vãos livres, um memorial de especificação de materiais importantes, as esquadrias que no passado eram algo que me incomodava e hoje subimos muito o padrão das linhas e dos fornecedores também. Fazendo um check de todos ou quase todos os itens, conseguimos ter um prédio que vai ser de fato alto padrão.



LR: Porto Alegre parece finalmente estar em um momento de evolução. Pra onde tu vê a cidade indo?

PK: Eu morei 30 anos na Zona Sul e não acredito que seja pra lá, não sei exatamente pra onde a cidade vai crescer, mas na minha lógica acho o 4º Distrito maravilhoso. Enxergo tanto uma revitalização do centro — tem que resolver os problemas que a gente sabe quais são — quanto do 4º Distrito. Vejo gente que trabalha comigo e mora na Zona Sul ficar 1h30 ou 2h no transporte público pra vir ao escritório e o mesmo tempo pra voltar, pois as pessoas se locomovem na hora do rush. Se morassem no 4º Distrito, estariam a 5 minutos daqui. Tu consegue criar um modo de vida em que as pessoas vão andar de bicicleta ou a pé. Imagina que coisa maravilhosa tu ter um público de renda menor que mora no 4º Distrito, em apartamentos pelo mesmo valor da casa em que moram hoje, mas, ao invés de sair às 5h30 da manhã pra chegar às 8h, ele pode ficar com os filhos, brincar, levar no colégio e sair de casa às 7h45 da manhã.

LR: Eu fico impressionado como tem pessoas contra a densidade, a liberdade e a diversificação de uso e a verticalização da cidade.

“Eu acredito muito no urbanismo e quanto mais densa a cidade, mais ela atrai grandes mentes, e atraindo grandes mentes ela atrai desenvolvimento.”

PK: Por que o Google tá fazendo uma sede gigante em Nova Iorque e não faz no meio do nada? Pois as pessoas querem estar lá. Porto Alegre, pra mim, tem um plano diretor pavoroso, uma cidade baixa que expulsa as pessoas pros arredores e faz com que fiquem horas no carro, quando na verdade deveríamos ter um plano diretor totalmente flexível, principalmente pra habitação popular, que seriam as pessoas mais beneficiadas. Quem for construir apartamentos populares no 4º Distrito não deveria ter restrição de índice, pois vai beneficiar muita gente. É isso que eu acredito nas cidades, felizmente hoje nós temos um prefeito que pensa assim, existe um grupo de pessoas que pensa assim, mas existe uma oposição na cidade pra esse tipo de projeto. Parece que querem que as pessoas tenham que ficar horas no trânsito, justamente quem mais precisaria dessa proximidade. Agora vamos lançar o Iaras na Comendador Rheingantz e eu vejo o exemplo do bairro Bela Vista, que era um bairro de casas que não tinha nenhum serviço, depois tudo começou a virar prédio e passou a ter restaurantes, mercados, coisas maravilhosas, farmácias, salões de beleza, academias de bairro. O bairro fica autossuficiente e as pessoas podem andar a pé.

LR: Recentemente o esporte transformou a tua vida por completo.

“Sou muito intenso em tudo que faço e, como tudo na vida, isso tem o lado bom e o ruim.”

PK: Também teve a questão da disciplina. Durmo muito cedo pra poder acordar cedo; quando chego em casa, às 7h da manhã já fiz 2 horas de exercícios, então eu acordo às 4h30 pra poder fazer entre 1h30 e 2h de exercício, chegar em casa, dar café da manhã pras crianças, tomar banho, levá-las pro colégio e chegar ao escritório às 8h15 da manhã. É uma coisa meio cirúrgica pra não deixar ninguém importante de fora, especialmente os filhos, que crescem muito rápido. Olho fotos antigas do David, meu filho mais velho, e vejo que virou um gurizão. Esse arrependimento não vou ter, eu fico muito com eles. Evito compromisso social em dia de semana em Porto Alegre, não saio pra jantar com os amigos pra ficar com meus filhos e minha esposa em casa. Tem que saber dizer não pra conseguir manter as prioridades.

K O P S T E I N

Nossa paixão pela arquitetura é o que nos mantém conectados com o motivo de seguirmos em frente: o bem-estar das pessoas. Buscamos criar projetos autorais e únicos que transformam vidas, contam histórias e se adaptam aos desejos dos nossos clientes, inspirando, assim, o prazer de viver bem.

A nossa trajetória tem início com o sonho de David Kopstein, fundador da empresa. Como um visionário, em 1958 expandiu horizontes até Porto Alegre, para onde levou um novo olhar sobre a arquitetura da cidade.

Desse ímpeto pela inovação, construímos um legado de empreendimentos contemporâneos com alto padrão de qualidade, envolvendo o cuidado de profissionais especializados e a dedicação na busca de fazer sempre o melhor para os nossos clientes.

O resultado desse empenho não poderia ser outro: somos reconhecidos como uma referência absoluta no segmento com mais de 600 mil m² edificadas, que dão vida a uma sólida história marcada pelo trabalho rigorosamente qualificado.



P O R T F Ó L I O

“Pra mim o binômio da empresa é fazer projetos de alto padrão, sempre ir melhorando esse padrão com boa arquitetura, uma arquitetura internacional com a brasilidade dos grandes arquitetos brasileiros, e ao mesmo tempo ter essa questão da qualidade da execução da obra e do atendimento ao cliente. Essa é a motivação da Kopstein.”

Pedro Kopstein



Parreiras 153

Porto Alegre - Brasil

PROJETO 2020

CONCLUSÃO 2024

Arquitetura: Studio Ronaldo Rezende
Autores: Raul e Ronaldo Rezende
Interiores: João Armentano
Paisagismo: Susana Nedel Arquitetura de Jardins
Equipe de Projeto: Jarbas Milititsky, Simon Engenharia, Elétrons Instalações Ltda.



As ideias de icônicos arquitetos convergiram para dar vida a um empreendimento que combina design e brasilidade em uma atmosfera de pura sofisticação. O Parreiras 153 é um projeto leve, elegante e atemporal, criado com elementos típicos da arquitetura contemporânea brasileira. Um respiro de naturalidade em meio à vida urbana.

Varanda

Porto Alegre - Brasil

PROJETO 2019

CONCLUSÃO 2023

Arquitetura: Isay Weinfeld

Autor: Isay Weinfeld

Interiores: Isay Weinfeld

Paisagismo: Sandra Ling

Equipe de Projeto: Pedro Dias, Alan Chu, Eduardo Chalabi, Danilo Zamboni, Monica Cappa, Danilo Hideki, Cristiano Kato, Sophia Lin, Lucas Jimeno, Carolina Miranda, Nina Ketelars, Leonardo Borgheresi, Nara Diniz, Joara Pereira, Ananda Nunes, Ronaldo Rezende e Raul Rezende, Estádio 3



Isay Weinfeld assina um empreendimento cercado de bem-estar e emoção por todos os lados. Um projeto único, que expressa o estilo de uma das maiores referências da arquitetura mundial em parceria com Sandra Ling, paisagista renomada que agrega naturalidade ao conceito de conforto sofisticado do empreendimento.

Germano 70

Porto Alegre - Brasil

PROJETO 2018

CONCLUSÃO 2021

Arquitetura: Pedro Gabriel e Marcelo Bonini
Autores: Pedro Gabriel e Marcelo Bonini
Interiores: Zeca Amaral
Paisagismo: Tellini Vontobel
Equipe de Projeto: Elétrons Instalações Ltda.,
Simon Engenharia, Jarbas Milititsky



O ápice do bem viver é estar em um lugar que valoriza todos os seus pontos altos: do conforto ao bem-estar. O Germano 70 é a materialização do que há de melhor em todos os aspectos: a localização privilegiada, no coração de Porto Alegre, e o projeto arquitetônico e de interiores contemporâneo e pautado pelo conforto.

Sommet

Porto Alegre - Brasil

PROJETO 2015

CONCLUSÃO 2018

Arquitetura: César Ciancio Arquitetura
Autor: César Ciancio
Interiores: Susi Ribeiro e Wagner Maciel
Paisagismo: Tellini Vontobel
Equipe de Projeto: Elétrons Instalações Ltda.,
Lab Engenharia, Theophilo Mattos Neto



Projetado para ser a definição dos seus sonhos, o Sommet é um empreendimento referência em alto padrão, exclusividade e sofisticação. O projeto arquitetônico do empreendimento foi inspirado na sofisticação dos hotéis de luxo, criando uma ambiência de conforto e qualidade incomparável.

Apogée

Porto Alegre - Brasil

PROJETO 2012

CONCLUSÃO 2017

Arquitetura: César Ciancio Arquitetura
Autor: César Ciancio
Coautor: BG Arquitetura
Interiores: César Ciancio e BG Arquitetura
Paisagismo: Tellini Vontobel
Equipe de Projeto: Tellini Vontobel, Lab.
Engenharia: Theophilo Mattos Neto,
Álvaro Lemos



Um empreendimento onde é possível encontrar conforto, sofisticação e bem-estar em cada espaço. O Apogée possui diferenciais que transformam a experiência de viver em espaços pensados para os encontros mais especiais da vida, dos momentos alegres com amigos aos ambientes relaxantes para se encontrar consigo mesmo.

KOPSTEIN

I A R A S

Rua Comendador Rheingantz, 610 - Bela Vista - Porto Alegre

